



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

CAMPUS DE CAJAZEIRAS



MARIA APARECIDA DE SOUSA CARDOSO

**CORDEL E IDENTIDADE POPULAR: UM CADERNO DE ATIVIDADES
PEDAGÓGICAS EM LEITURA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAJAZEIRAS
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS

MARIA APARECIDA DE SOUSA CARDOSO

**CORDEL E IDENTIDADE POPULAR: UM CADERNO DE ATIVIDADES
PEDAGÓGICAS EM LEITURA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Pesquisa: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

**CAJAZEIRAS
2021**

M268c Cardoso, Maria Aparecida de Sousa.
Cordel e identidade popular: um caderno de atividades pedagógicas em leitura para o 6º ano do Ensino Fundamental / Maria Aparecida de Sousa Cardoso. - Cajazeiras, 2021.
152f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2021.

1. Leitura. 2. Cordel. 3. Letramento. 4. Sala de aula. 5. Ensino Fundamental 6. Letramento literário. I. Sousa, Elri Bandeira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

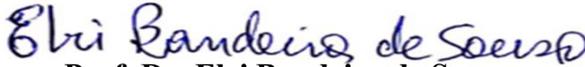
MARIA APARECIDA DE SOUSA CARDOSO

**CORDEL E IDENTIDADE POPULAR: UM CADERNO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS
EM LEITURA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Estudos Literários*, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

Aprovado em: 29/04/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UFCG – Orientador)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof^ª. Dr.^ª Silvana Vieira de Sousa
(UFCG/CFP/UACS – Examinadora 1)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof.^a. Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UFCG/CFP/UAL/PROFLETRAS – Examinadora 2)

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por ser meu Pai, verdadeiramente fonte de vida, a Nossa Senhora de Fátima e todos os santos, pela proteção e intercessão, ao meu filho Thiago Ítalo, à minha filha Talita Ingrid, ao meu esposo Assis, aos meus pais *in memoriam*: Agostinho e Josafá, que abriram os caminhos para meu crescimento intelectual, aos meus netos Anthony, Ryan e Luan Pedro, motivo maior de minha inspiração, ao meu genro Cosme, às minhas irmãs Fátima, Salete, Zélia e Vilany, à minha amiga-irmã Mazé, companheira de viagens e amiga de todas as horas e à turma VI do Profletras, Campus Cajazeiras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por conceder-me força, coragem e perseverança para a realização de mais uma conquista em minha vida. Obrigada, Senhor, por ser luz em minha vida, por ter me segurado e me conduzido até aqui sem permitir que eu desanimasse perante os obstáculos da vida ou desistisse diante de tanta dificuldade para se viver atualmente. Obrigada pela minha vida, dos meus familiares e amigos(as), e dos meus professores, Senhor.

A Nossa Senhora, Mãe Santíssima e Imaculada e todos os santos pela proteção diária, minha e de minha família, para que todos e todas estivessem sempre bem para minha tranquilidade. Obrigada por me confortar sempre nos momentos de angústia e me proteger concedendo-me livramentos e graças.

Ao meu filho Thiago Ítalo, pelo apoio e incentivo fazendo minha estrada se tornar menos extensa.

À minha filha Talita Ingrid, pelo carinho, incentivo e apoio nesta jornada e por se mostrar sempre orgulhosa com meu exemplo.

Ao meu esposo Assis, por ter sido companheiro fiel me encorajando a encarar os problemas com maestria e por se mostrar sempre feliz com o meu sucesso.

Aos meus queridos pais, que com dignidade e honestidade abriram os caminhos para o crescimento, me conduziram pelo caminho do bem, sempre me ajudando no que podiam e fortalecendo o meu caminhar e se orgulhando a cada degrau que eu subia. A eles minha eterna gratidão. Pai e mãe, essa vitória é de vocês.

Aos meus netos tão amados, Anthony, Ryan e Luan Pedro pela inspiração que me transmitem, pela alegria que me proporcionam com a inocência e pureza estampadas em cada um de seus rostinhos.

Ao meu genro Cosme pelo incentivo e orações para que Deus me protegesse.

Às minhas irmãs: Fátima, Salete, Zélia e Vilany, pelo apoio com palavras de encorajamento que também serviram para continuar firme em busca da realização de meus objetivos.

À minha irmã-amiga Mazé, companheiro das viagens, amiga de todas as horas. Contigo, ao longo das viagens, dividi alegrias, tristezas, angústias, medos. as horas. Contigo, ao longo das viagens, dividi alegrias, tristezas, angústias, medos. Recebi conselhos, discutimos sobre tantos assuntos em prazerosas conversas.

À coordenação do PROFLETRAS, pelo apoio dedicado.

À cada mestrando da turma VI do Profletras, Campus Cajazeiras, pelo coleguismo e amizade durante todo o curso.

Aos professores do PROFLETRAS, a minha gratidão por contribuírem para o meu crescimento intelectual.

Aos professores membros (interno e externo) e suplente da Banca: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, Prof.^a Dr.^a Silvana Vieira de Sousa, Prof.^a Dr.^a Lígia Regina Calado de

Medeiros, minha eterna gratidão pelas contribuições.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, a quem dedico meu apreço e minha gratidão pela perseverança, paciência, segurança e motivação transmitidos em cada encontro, tornando possível a realização deste trabalho.

Obrigada a todos e a todas pelas orações, pelo apoio, incentivo e por sempre me fazerem acreditar que é possível vencer.

A minha eterna gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

O QUE É O CORDEL

É uma literatura
Cujos temas hoje são
Aproveitados na música
Cinema e televisão
O seu valor literário
É de uma grande expansão

Vai da história real
Até as lendas e mitos
E com essa acepção
Escritores eruditos
Com essa literatura
Enriquecem seus escritos

O cordel no mundo inteiro
Está chamando atenção
Em teses de doutorado
E de pós-graduação
É, nos Estados Unidos
Na Rússia, França e Japão.

Do humilde chão da feira
E do simplório barbante
O cordel evoluiu
Segue rota triunfante
Estudar esse fenômeno
É um caso interessante.

Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana (2010, p. 23)

RESUMO

O letramento é condição básica para as relações sociais e a leitura é vista como um instrumento necessário para a vida em sociedade, uma vez que o hábito de ler contribui para uma melhor participação do sujeito nas práticas sociais. Diante da importância de práticas de leitura, cabe à escola e ao professor promover ou ampliar a prática dessa atividade. A leitura não deve ser vista apenas como um processo de decodificação ou de informação, mas como um caminho que abre inúmeras possibilidades de interpretação, interação, criticidade, construção de sentido. Uma leitura significativa é aquela que possibilita o aluno perceber relações entre o texto e contexto social. Este trabalho objetiva favorecer estratégias para o trabalho com a leitura do gênero cordel em sala de aula, do 6^a ano do Ensino Fundamental Anos Finais, que além de permitir aos alunos a construção de conhecimentos diversos, também proporcione o envolvimento afetivo, o prazer estético e a fuição. Mediante pesquisa bibliográfica qualitativa e aplicada, buscamos apoio crítico em Marcuschi(2008), Freire (1999) e Antunes (2009), que discutem sobre leitura de modo geral, Candido (2004), Zilberman (1990), Colomer (2007, que abordam a importância da leitura literária na escola, Cosson (2006; 2009; 2014), que faz abordagens sobre letramento literário, círculos de leitura e sequência básica, Marinho e Pinheiro (2012) e Viana (2010) que falam sobre a importância do cordel na sala de aula e construímos um caderno com uma sequência de atividades pedagógicas com estratégias de leitura do cordel em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel. Leitura. Identidade. Conhecimento.

RESUMEN

El letramiento es una condición básica para las relaciones sociales y la lectura es entendida como una herramienta necesaria para la vida en sociedad, ya que el hábito de leer contribuye a una mejor participación del sujeto en las prácticas sociales. Dada la importancia de las prácticas lectoras, corresponde a la escuela y al docente promover o ampliar la práctica de esta actividad. La lectura no debe simplificarse como un proceso de decodificación o información, sino como un camino que abre muchas posibilidades de interpretación, interacción, criticidad, construcción de sentido. Una lectura significativa es aquella que permite al estudiante percibir las relaciones entre el texto y el contexto social. Este trabajo tiene como objetivo favorecer estrategias para trabajar con la lectura del género cordel en el aula, del 6° año de Primaria Final De Año, que además de permitir a los estudiantes construir conocimientos diversos, también proporciona implicación afectiva, placer estético y fruición. A través de la investigación bibliográfica cualitativa y aplicada, buscamos apoyo crítico en Marcuschi (2008), Freire (1999) y Antunes (2009), que discuten la lectura en general, Candido (2004), Zilberman (1990), Colomer (2007, que abordan la importancia de la lectura literaria en la escuela, Cosson (2006) 2009; 2014), que hace acercamientos a la alfabetización literaria, círculos de lectura y secuencia básica, Marinho y Pinheiro (2012) y Viana (2010) que hablan de la importancia de la lectura en el aula y construimos un cuaderno con una secuencia de actividades pedagógicas con estrategias para leer la cuerda en el aula.

PALABRAS CLAVES: Cordel. Lectura. Identidad. Conocimiento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Aspectos metodológicos	14
2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LEITURA.....	15
2.1 Leitura: necessidade, benefícios e ressignificação	16
2.2 A importância da leitura literária na escola	21
2.3 Obras Literárias: Leitura, Reflexão e Expectativas	25
3 O CORDEL NA SALA DE AULA.....	28
3.1 Conhecendo um pouco da História do Cordel.....	29
3.2 Características Estéticas da Literatura de Cordel	31
3.3 Cordel e Identidade.....	35
3.4 A Oralização do Cordel como Ferramenta de Ludicidade e Interação.....	40
3.5 Cordel e Construção de Conhecimento	48
4 CADERNO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM LEITURA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	54
4.1 Sobre a obra.....	56
4.2 Sobre o autor.....	57
4.3 Dimensões e Possibilidades da Leitura do Cordel	57
4.4 O que diz a BNCC sobre o Texto Literário	59
4.5 Teorias e Reflexões	61
4.6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO PEDAGÓGICO	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	97
ANEXO - Cordel.....	103

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a sociedade exige o letramento como condição básica para as relações sociais, e a leitura é vista como um instrumento necessário para a vida em sociedade, uma vez que o hábito de ler contribui para uma melhor participação do sujeito nas práticas sociais.

Diante da importância da leitura, é de responsabilidade da escola e do professor promover ou ampliar a prática dessa atividade. A leitura não deve ser compreendida apenas como um processo de decodificação ou de informação, mas como um caminho que abre inúmeras possibilidades de interpretação, interação, criticidade, construção de sentido. Uma leitura significativa é aquela que possibilita o aluno perceber relações entre o texto e contexto social.

Ler vai além da decodificação ou ainda da obrigação para realizar algumas tarefas e a leitura é uma atividade social que se refere a um processo discursivo, no qual estão inclusos os sujeitos produtores de sentido, o autor e o leitor que interpreta, compara, concorda, discorda, atribuindo significados aos textos.

Marcuschi (2008, p. 228) conceitua o ato de ler como “um ato de produção e apropriação de sentido”, que envolve a atuação do “leitor, construindo sentidos conforme a sua experiência, mas que também não é uma atividade individual. Trata-se, portanto, de uma leitura que mobiliza diversos elementos, englobando autor, leitor, texto e contexto.”

Através da nossa experiência ao lecionarmos Língua Portuguesa no 6º ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ministro José Américo de Almeida em São João do Rio do Peixe – PB e de estudos desenvolvidos no âmbito da leitura, percebemos que os alunos chegam a essa série com elevado grau de dificuldades em ler, ou seja, para eles, a leitura talvez seja vista como atividade mecânica e por isso talvez não sentem interesse pelos textos. Também é notória a falta de habilidade em interpretação ao trabalharmos a leitura de algum gênero textual. Os alunos resistem em ler e quando leem, apresentam dificuldades em pensar nas entrelinhas do texto. Sentem dificuldades em expor ideias, em criar, limitando-se apenas ao que está explícito.

No entanto, percebemos a necessidade de uma reflexão sobre a forma como a leitura vem sendo realizada nessa faixa etária e pensamos que ao contemplar estratégias de leituras envolvendo textos literários, especificamente o gênero cordelístico, possamos ter uma resposta significativa.

Nesse sentido, buscamos aperfeiçoar os conhecimentos acerca da leitura de modo geral, da leitura literária, especialmente sobre o gênero cordel. Para isso, nos apoiamos principalmente nos estudos de vários como Marcuschi(2008), Freire (1999) e Antunes (2009), que discutem sobre leitura de modo geral, Candido (2004), Zilberman (1990), Colomer (2007, que aborda a importância da leitura literária na escola, Cosson (2006; 2009; 2014), que faz abordagens sobre letramento literário, círculos de leitura e sequência básica, Marinho e Pinheiro (2012) e Viana (2010) que abordam acerca da importância do cordel na sala de aula.

Diante disso, este trabalho objetiva favorecer estratégias para o trabalho com a leitura do gênero cordel em sala de aula, que além de permitir aos alunos a construção de conhecimentos diversos, também proporcione o envolvimento afetivo, o prazer estético e a fluência.

Na tentativa de desenvolver o hábito de leitura em que envolva o prazer estético e que possa contribuir de forma efetiva para a construção de sentido e criticidade, apresentamos uma proposta de intervenção: um caderno de atividades pedagógicas em leitura para o 6º ano do Ensino Fundamental, no qual sugerimos que a leitura do gênero cordelístico seja posta em prática como condutora da construção de identidade, onde o aluno possa se identificar ou se reconhecer em alguns trechos.

Assim, temos como objetivo geral, estudar de que forma a leitura do cordel em sala de aula possa contribuir para o desenvolvimento do hábito de leitura dos alunos. E como objetivos específicos temos: construir arcabouço teórico com conhecimentos sobre o gênero cordel e suas implicações no cotidiano escolar; refletir sobre as práticas leitoras críticas, literárias e poéticas que além de permitirem a conectividade dos alunos com suas memórias e identidades, contribuam para a construção de sentido e de conhecimentos; favorecer estratégias para o trabalho com a leitura do gênero cordel em sala de aula, que além de permitir aos alunos a construção de conhecimentos diversos, também proporcione o envolvimento afetivo, o prazer estético e a fluência.

Tomamos como ponto de partida o trabalho com a literatura de cordel, sendo este, a nosso ver, um recurso necessário quando se pretende formar leitores críticos, pois a leitura do texto de cordel talvez possibilite a articulação de conhecimentos de mundo do leitor com novos conhecimentos proporcionando a construção de novos sentidos e enriquecendo a interação entre autor-texto-leitor.

Pensamos que a leitura do cordel, que é um gênero que tem circulação efetiva

na sociedade, especialmente em nossa região, o Nordeste do Brasil, possa contribuir para a ampliação da capacidade leitora dos nossos alunos, levando-os a refletir sobre valores culturais como também a construir sentido.

Acreditamos que a poesia cordelística, marcada por fortes elementos culturais, com temas que muitas vezes narram fatos do cotidiano, sendo alguns de cunho político ou religioso, refletindo refletindo às vezes na realidade social, com suas narrativas capazes de divertir, encantar e provocar inquietação, como batalhas, cangaço, animais, tragédias, casos inusitados, espertezas e malandragens, relatos históricos, imaginários, comédias etc. talvez possa ampliar o repertório dos alunos, despertar o interesse, criando estímulos que mais tarde sejam transformados em prazer, fruição e atribuição de significados. A literatura de cordel é uma ferramenta de grande relevância para a construção de experiência de leitura de folhetos e não deve ser considerada apenas como recurso didático para ensinar conteúdos. Nesse sentido, Marinho e Pinheiro, (2012, p. 12) orientam: “Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, [...]”.

Os autores acreditam que a literatura de cordel deve ter espaço na escola e que deve ser dada importância às suas especificidades. Há no texto literário, especificamente na poesia de cordel um toque de magia, diante da fantasia existente nas narrativas e do humor que o mesmo promove sem cobranças, que pode ser de grande relevância na prática leitora.

Considerando a importância do letramento literário na sala de aula e que o cordel seja uma ferramenta de grande relevância na formação de leitores, esta proposta de intervenção Caderno de Atividades Pedagógicas em leitura para o 6º Ano do Ensino Fundamental, com base na leitura do cordel *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros tem foco no desenvolvimento do hábito de leitura, pautada na fruição e espontaneidade, onde a reflexão e a opinião tenham vez e voz para o desenvolvimento da autonomia.

Assim, para que o texto literário seja utilizado em sala de aula com eficácia no que se refere a construção e apropriação de sentidos e na busca da fruição estética, faz-se necessária uma transformação na prática pedagógica. Desse modo, pensamos que uma proposta de intervenção nesse sentido, contribua de forma significativa para a viabilização do problema.

Dessa forma, selecionamos a obra *O cachorro dos mortos*, acreditando que ela

favoreça uma leitura esteticamente prazerosa ao mesmo tempo em que desperte os alunos para a construção e atribuição de significados, onde os alunos possam conectar alguns conhecimentos de mundo com outros em que o folheto propõe. É possível que a leitura da obra leve os alunos a refletirem sobre alguns problemas sociais, crenças, mitos e assim se identifiquem em alguns trechos, fazendo a conexão com a realidade.

De início, pensamos na leitura “oral” e “repetida”, pois, para Marinho (2012, p. 129): “A leitura oral dos folhetos de cordel, [...], é indispensável.” De acordo com os autores, a oralização contribuirá para percepção do ritmo, da expressividade e da entoação, que poderão levar o leitor a construir um vínculo de afetividade com a narrativa.

A proposta também será norteadada por algumas orientações da BNCC, que recomenda o trabalho com a oralização, enquanto prática de ensino. Assim, fez-se necessário também o estudo minucioso desse documento que visa fortalecer as metodologias de ensino, não apenas em prol da construção de conhecimentos isolados por parte dos alunos, mas para promover conhecimentos que sirvam de suporte para o desenvolvimentos de diversas habilidades e competências.

As atividades com o gênero cordel serão mediadas numa perspectiva voltada mais à oralização, no que se refere à leitura em voz alta, interpretação, debates, jogo dramático, desafios, discussões coletivas, posicionamentos críticos, não descartando a escrita em alguns momentos, quando se fizer necessário.

Esta proposta de intervenção tem como eixo principal estimular a leitura por fruição e dessa forma estimular também a análise crítica de um poema do gênero cordelístico de Leandro Gomes de Barros. Acreditamos que a estrutura do cordel constituída por versos, estrofes e rimas, que possui musicalidade, possa despertar o interesse e proporcionar ao aluno o prazer estético, além desse gênero abordar temas instigantes, que postos em debate, contribua para o desenvolvimento do senso crítico.

Realizamos uma busca intensa por obras e referências que pudessem oferecer suporte teórico e possibilitassem a ampliação da visão acerca do tema proposto. Após o esboço bibliográfico, desenvolvemos como produto deste trabalho uma proposta interventiva, cogitando oferecer subsídios essenciais aos professores do 6º ano para a utilização do texto literário em sala de aula.

Nossa pesquisa é de natureza bibliográfica pois tem o objetivo de fornecer subsídios para ser aplicada, abordagem qualitativa, com caráter dialógico e posicionamento direto dos professores pesquisadores que fazem parte do cenário da

pesquisa e propositiva por apresentar proposta com sugestões metodológicas para o desenvolvimento da prática leitora de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

O presente trabalho divide-se em quatro capítulos onde o primeiro capítulo é composto pela Introdução: onde apresentamos o tema, o título da obra selecionada e a metodologia, tracejando estratégias de intervenção por meio da leitura literária e pelo tópico, sendo que na Introdução também é apresentado o tópico Aspectos Metodológicos, que apresenta a metodologia usada na pesquisa e o detalhamento das estratégias de intervenção.

O segundo capítulo aborda questões acerca da importância da leitura, especificamente da leitura literária na escola. Está distribuído em tópicos, os quais trazem reflexões sobre a necessidade de se ler e também sobre os benefícios que a leitura proporciona. O capítulo ainda enfatiza as contribuições da literatura para provocar reflexões e para a formação de leitores críticos e autônomos.

Já o terceiro capítulo trata da importância da literatura de cordel na sala de aula, assim como apresenta várias abordagens sobre a motivação e expectativas que o gênero cordelístico pode proporcionar, desde a sua estrutura como também pelas características e temas relevantes que possibilitam despertar o prazer estético e a fruição. O capítulo nos faz refletir sobre as possibilidades oferecidas pelo gênero cordelístico para a construção de conhecimentos diversos.

O quarto e último capítulo consiste na apresentação de uma proposta de intervenção: Caderno de Atividades Pedagógicas em Leitura para o 6º ano do Ensino Fundamental, o qual tratará está distribuído em seis tópicos, os quais discutem um pouco sobre a obra, apresentando um resumo da narrativa e sobre a vida do autor, propondo um estudo mais profundo da sua biografia. O capítulo ainda aborda a amplitude de saberes e possibilidades que o gênero cordel pode proporcionar. Traz também a proposta da BNCC sobre o trabalho com o texto literário, apresentando alguns trechos da proposta curricular no âmbito da leitura de textos literários. Já o quinto capítulo, além de apresentar algumas teorias e concepções de alguns autores já citados, com , inclui também a proposta de intervenção que é um caderno pedagógico, que apresenta estratégias de leitura e metodologias que contribuam para a formação de leitores autônomos e proficientes.

1.1 Aspectos metodológicos

A realização deste trabalho se deu mediante pesquisa bibliográfica, qualitativa e aplicada, buscando tornar viável o interesse em leitura amenizar a dificuldade de interpretação e resistência em ler, dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da EEEFM Ministro José Américo de Almeida, em São João do Rio do Peixe – PB, uma vez que ao propormos algumas leituras, foram perceptíveis essas dificuldades. Desta forma, surgiu nossa inquietação e assim pensamos que através dela, da nossa curiosidade e do interesse em buscar fontes que nos ajudassem a compreender melhor quais caminhos percorrer para proporcionar a melhoria das práticas de leitura destes alunos, pensamos que uma análise qualitativa fosse a mais indicada e que através dela fosse possível viabilizar o problema de modo geral, pois, de acordo com Godoy (1995, p.63), “Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento de fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada.”

Após registros dos problemas apresentados no âmbito da leitura, foram realizadas pesquisas e leituras para aquisição de conhecimentos em busca de estratégias para o trabalho com o cordel no cotidiano escolar. Refletimos muito acerca de práticas leitoras críticas, literárias e poéticas que permitissem aos alunos a conexão com suas memórias e identidades assim foram postas em prática.

E por fim, após estudos, foi produzido um caderno pedagógico com sequência de atividades distribuídas em sete momentos, sugerindo estratégias de leitura de poemas de cordel para turmas do 6º ano, com base nas metodologias e orientações apresentadas pelos teóricos Cosson (2006, 2009, 2012, 2014), com discussões sobre letramento literário e orientações sobre sequência básica e círculos de leitura, Colomer (2007), que além de abordar a importância do letramento literário em sala de aula, ainda orienta como trabalhar com leitura de textos de literatura e ainda, Marinho e Pinheiro (2012) e Viana, (2010), que abordam a importância da leitura de cordel na escola e ainda apresentam sugestões para a prática de leitura do gênero cordelístico.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LEITURA

A leitura é uma prática de fundamental importância na vida do indivíduo, pois permite ampliar seu horizonte de expectativas e as possibilidades de criar, imaginar e compreender melhor o mundo e a si mesmo. Ler contribui tanto para a construção de conhecimentos dos diversos componentes curriculares, como para elevar a autonomia que serve de base para que o cidadão se desenvolva criticamente e socialmente.

É através da leitura que exercitamos nossa inteligência e nos integramos ao mundo, construindo novos conhecimentos, tornando-nos aptos a dominar assuntos em diversas situações. Por meio dessa prática, podemos viajar por lugares inimagináveis, desafiar a nossa imaginação e descobrir o prazer de pensar e sonhar.

Quando falamos aqui em leitura, não nos referimos à decodificação, estamos pensando na concepção dessa prática como uma atividade de construção de sentidos que acontece na interação entre autor-texto-leitor, pois o texto literário favorece ao leitor uma reflexão com suas experiências de mundo.

Segundo Rossi (2010, p. 68):

[...] leitura é produção, tanto do ponto de vista psicológico quanto sociológico, já que ao lermos um texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem nossa experiência de mundo. Nessa visão, o sentido é construído a partir de uma complexa relação interativa entre autor, texto e leitor.

A leitura é uma atividade indispensável e o ato de ler assume papel de grande relevância no meio social. Na escola, a leitura não pode ser esquecida e faz-se necessário que seja praticada de forma intensa, pois ela é instrumento básico, tanto na vida acadêmica, quanto na social e pessoal. A falta dessa importante prática pode ocasionar exclusão, por falta de informação e interação.

Leitura é atividade interativa que pode proporcionar a produção de sentidos, pois ao ler um texto o leitor articula conhecimentos já existentes através das experiências e vivência na sociedade, com os conhecimentos apresentados nos textos. Com essa conexão que o leitor faz de saberes pré-existentes com os saberes que vai adquirindo, um novo sentido passa a ser construído. No entanto, um texto não deve ser considerado apenas instrumento de decodificação, nem leitor deve ser visto apenas como sujeito passivo. O ato de ler deve ser considerado uma ação cultural, cujo resultado não seja apenas o acúmulo de informações, e sim, a capacidade de interagir e posicionar-se criticamente perante qualquer situação. Conforme Britto (2003, p. 100):

O produto que resulta desta ação não é jamais a simples acumulação de informações, não importa de que natureza sejam estas, mas a representação da realidade presente no texto. Um valor, portanto. Um valor que não é criação original do sujeito, mas algo que se articula com o conjunto de valores e saberes socialmente dados.

É através da leitura que o indivíduo integra-se com o mundo, adquirindo novos conhecimentos, tornando-se apto a dominar assuntos em diversas situações, pois, por meio dessa prática, ele pode ficar bem informado, desafiar a imaginação e descobrir novos aprendizados. A leitura é uma prática que vai se aprimorando ao longo de nossas experiências e contatos com a diversidade textual que veicula na sociedade.

Para Kleiman (1998, p. 10), ao lermos, “colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, que refletem também o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.” Dessa forma, a inserção ativa do indivíduo no mundo da leitura vai ampliando a construção de sentidos e, com isso, abrindo possibilidades para o desenvolvimento de novos conhecimentos. Percebemos que ler é uma necessidade já que a leitura é capaz de proporcionar mudanças. A leitura é benéfica em vários aspectos, ela pode beneficiar o cidadão, despertando o seu senso crítico, que contribui para uma vida efetiva na sociedade e auxiliar na construção de um novo sentido para a forma como ele vê o mundo.

2.1 Leitura: necessidade, benefícios e ressignificação

A leitura é, desde os tempos antigos, ao lado da transmissão oral, o elo do homem com sua cultura, a forma com que ele se eterniza, passando para seus descendentes suas descobertas e impressões. Ela é a principal ferramenta que dispomos para entender o mundo como ele é e como ele se mostra. A prática leitora proporciona mudanças, uma vez que permite ao indivíduo, a ampliação de horizontes, o fortalecimento ou renovação de ideias e a transformação de suas relações com o mundo. Nesse sentido, Solé e Coll (2001, p. 21) sugerem que:

Ler é ampliar horizontes, é abrir possibilidades... É interagir com o mundo que nos rodeia: conhecer lugares, pessoas, culturas. É viajar, dar asas ao imaginário, mergulhar no mundo interior, conectando-nos com nosso potencial. Através da leitura você, adquire conhecimentos e amplia seu jeito de estar no mundo e nas relações.

De acordo com os autores acima, pode-se perceber que a leitura é uma atividade indispensável ao ser humano, para que ele possa identificar-se como sujeito

e interagir na sociedade. Nessa visão, pode-se compreender a leitura como um ato de transformação, uma vez que ela provoca a reflexão, liberta o pensamento e desenvolve a criticidade, levando o sujeito leitor ao desenvolvimento de ações que contribuam para a sua participação efetiva na sociedade. Irandé Antunes, (2009, p. 195) também comunga com essa ideia quando afirma:

Ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz, é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas. É uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas, ou dos planos e projetos em andamento.

Em sua fala, Antunes reforça cada vez mais a importância de ler. A leitura permite a comunicação, a informação pois proporciona a interação entre sujeitos, ocasionando mudanças e evolução de pensamento. Assim, pensamos que formar leitores não é fácil, requer mobilização, esforço, cuidado e consciência crítica, por parte de professores sobre o ato de ler. Diante desse pressuposto, Zilberman (1984, p. 17) afirma:

Não apenas se trata de enfatizar o valor da leitura enquanto procedimento de apropriação da realidade, mas também de delinear o sentido do objeto através do qual ela se concretiza: a obra literária. Pois, acreditando-se que o ato de ler, em decorrência de sua natureza, se reveste de uma aptidão cognitiva, esta não se completa sem o texto que demanda seu exercício.

A leitura não deve ser imposta na escola como obrigação para adquirir conhecimentos ou para formar cidadãos da cultura escrita. É interessante que um(a) formador(a) de leitores amplie sua visão sobre as dimensões que a leitura proporciona. É provável que um formador de leitores que goste de ler, consiga despertar o gosto dos alunos pela leitura com mais facilidade. Nesse sentido, Freire (2003, p. 190) orienta:

Ler é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem, não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica, é impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É ousar, aprender a ousar, para continuar quando, às vezes, e pode deixar de fazê-lo com vantagens materiais.

A leitura é uma atividade necessária para que se atinjam inúmeros objetivos, proporciona incontáveis benefícios ao indivíduo, sendo um deles uma maior conexão deste com o mundo. Ler é tanto uma ação individual, pois contribui para atender as nossas expectativas, como é também um ato social, que tende a permitir a interação entre autor e leitor. Para Rangel e Rojo (2010, p. 87): “Há um componente social no

ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos.”

A leitura tem o poder de ocasionar mudanças, quando é realizada de forma compreensível, envolvente e prazerosa e não deve ser vista apenas como uma atividade de decodificação, o que tornaria esse processo sem sentido. É necessário compreender o que se lê, atribuir sentido aos textos lidos. Nesse sentido, Rangel e Rojo (2010, p. 86) orientam:

Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida. Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e de organizar o seu ensino. Se os sentidos não estão prontos no texto, é preciso contribuir para que os alunos criem boas estratégias para estabelecer relações necessárias à compreensão.

As autoras acima defendem a ideia da importância da leitura reflexiva, atribuição de sentido e criticidade do texto. Em outras palavras, não podemos ter uma visão de leitura apenas como decodificação. Esta prática deve ser vista além da superficialidade do texto. A leitura é uma prática social que permite reflexão, criticidade. Dificilmente uma leitura não vai influenciar na construção de novos significados, uma vez que o leitor já vivencia experiências de vida as quais ele associa com os textos.

Pensamos que a prática leitora deve ir além da determinação de leitura para alguma atividade, mesmo que se leia para uma finalidade, essa leitura irá proporcionar muito mais que o exigido. Ler é uma prática tanto individual, por proporcionar ao leitor tanto a manifestação de suas características intelectuais e da memória, quanto social, por permitir a relação de quem lê com o contexto social. Segundo Nunes (1994, p. 14):

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque se manifesta particularidades, do leitor, suas características intelectuais, sua memória, sua história: é social porque está sujeita conversões Linguísticas, os contextos sociais, a política.

Ao ler, o sujeito interage com o texto e com o autor, ativa suas experiências e conhecimentos e assim vai construindo sentido. Koch e Elias (2006) nos leva a refletir sobre a concepção de leitura em uma dimensão linear em que o leitor é visto como um receptor passivo que apenas decodifica códigos sem capacidade de construir uma consciência crítica e reflexiva acerca do que lê. Para as autoras, não há significação

possível sem o diálogo entre autor-texto- leitor. Nesse sentido Koch e Elias (2006, p. 11) afirmam:

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito, e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Diante disso, percebemos que a leitura como prática interativa é capaz de proporcionar a construção de sentido, pois ao ler, o leitor aciona a memória sobre o que já conhece e faz a relação com o novo atribuindo assim um novo significado. O conhecimento de mundo do aluno é de suma importância e não pode ser esquecido. É preciso considerar os conhecimentos prévios do leitor ou “leitura do mundo” como diz Freire, pois essa leitura precede a leitura mecânica. Para o autor (1999, p. 8):

[...] aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

De acordo com as palavras de Freire, aprender a ler é compreender o contexto e interagir. A leitura mecânica não possibilita nenhum vínculo do leitor com a realidade, pois, a leitura é uma prática social que deve ser enxergada como um processo contínuo de descobertas e não apenas como decodificação de palavras.

Cada nova leitura possibilita ao leitor tanto o confronto como também o estabelecimento de uma relação crítica com autor e texto, buscando assim a atribuição de sentido e uma nova maneira de enxergar o mundo. Assim, para desenvolver um trabalho em sala de aula com práticas de leituras significativas para construção de sentido, cabe ao professor romper com a visão de leitura apenas como atividade específica de sala de aula. Cada texto é construído com uma finalidade ou intenção. Percebemos que uma prática de leitura que tende a levar os alunos à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento, à inquietação e também interrogação de suas certezas, contribui efetivamente para a construção de conhecimentos.

Marcuschi (2008, p. 228) define o ato de ler como “um ato de produção e apropriação de sentido”, no qual o autor é envolvido e através de sua vivência passa a construir sentidos. Contudo, é necessário possibilitar ao leitor a capacidade de pensar, criticar e expressar-se livremente. Para a construção de sentido, é essencial que o leitor sinta - se parte integrante dos textos lidos, que ele possa se identificar neles através de

seu conhecimento de mundo.

Jouve (2002, p. 66) diz que: “Ler, portanto, é levar em conta as normas de todo tipo que determina um texto e fazer jogar entre si as unidades de superfície que constroem seu sentido”. O autor também orienta a leitura para construção de sentido, mas alerta que para que isso ocorra, faz-se necessário o reconhecimento do leitor dentro do texto lido. Para Jouve, (2002, p. 64 – 83), o leitor só adquire maior competência leitora quando ele reconhece a sua intenção com a leitura, quando levanta hipóteses que o obriga a reler o texto e reformular suas interpretações.

Para Yunes (1984, p. 127), “a leitura é provocação do leitor que exige dele uma tomada de atitude (de consciência)”, que contribui para sua evolução, passando de sujeito passivo à sujeito ativo, capaz de produzir seu próprio conhecimento. Contudo, o incentivo à leitura na sala de aula é uma ação que precisa ser repensada, pois desenvolver o hábito de ler pode contribuir para a construção do aprendizado, despertar estímulos e influenciar na comunicação do leitor.

É possível que os acervos oferecidos pelas escolas, bibliotecas, instituições, etc., nem sempre são favoráveis para desenvolver o hábito de ler se não houver uma proposta de orientação, acompanhamento e de persuasão. É necessário um planejamento para que aconteça a mediação da leitura e que ela seja significativa. Perrotti (1999, p. 34) dialoga com essa ideia quando diz:

Nesse sentido, a formação de uma sociedade leitora envolve não apenas a criação de instituições indispensáveis à sua constituição (escolas, bibliotecas, editoras, livrarias, entre outras), como também uma reflexão aprofundada sobre a natureza dessas instituições, o sentido de suas orientações e de práticas.

Faz-se necessário adotar novas estratégias para desenvolvimento de novas práticas de leitura. Contudo, o estímulo à leitura se faz não apenas com bons livros, mas com mediação. De nada terão serventia os acervos nas instituições escolares, se os livros ou textos não forem recepcionados, através do espaço para reflexões. Pensar na mediação da leitura para promover a formação de leitores requer considerar os diferentes níveis de alfabetização.

O leitor vai se construindo ao longo da vida, porém para isso é interessante que práticas leitoras educativas, críticas literárias e poéticas que tragam a as memórias afetivas e que os indivíduos se reconheçam nessas leituras sejam desenvolvidas. Assim, ressaltamos a importância de um trabalho com o texto literário, já que este permite a reflexão de forma mais intensa.

2.2 A importância da leitura literária na escola

Devido a importância da literatura para a língua e cultura de um país, ela se transformou em disciplina escolar. Porém, segundo Candido (2004) o seu espaço na escola ainda é negado. Literatura é patrimônio ou herança cultural e esse novo contexto em que vivemos exige que repensemos mais no ensino de literatura. Não podemos negar aos alunos o direito de saber que existe essa diferente possibilidade de leitura que é a leitura literária, com a qual ele pode identificar-se, reconhecer aspectos culturais diferentes, viajar, criar, criticar, etc.

Ler traz inegáveis benefícios. Qualquer leitura contribuição para a formação e o enriquecimento da experiência cultural dos educandos, porém a leitura literária oferece mais possibilidades para o alargamento de horizontes. O texto literário possivelmente seja mais adequado para desenvolver o gosto pela leitura pelo fato dele ser capaz de sensibilizar o leitor e conduzi-lo a realizar inferências e compreender até o que não está explícito, ou seja, interpretar as entrelinhas.

Dessa forma, esse tipo de texto coloca em questão as verdades do leitor, desestabilizando-o e levando-o a reestruturar-se, levando ao universo leitor novas possibilidades de sentido. Para Colomer (2007, p. 41):

Se a literatura já está presente e se chega a um certo grau de conciliação entre atividade de leitura e os saberes implicados no processo interpretativo, deve-se decidir na sequência, a melhor forma de conseguir que essa leitura escolar seja produtiva para o leitor.

A leitura faz parte do processo de comunicação cotidiana que acontece entre os sujeitos e que envolve interações sociais e trocas, estimuladas por situações diversas, expressas pela memória, cultura, tradições e contextos sociais. A leitura literária não é simples e pelo fato de ser mais complexa, ela exige maior esforço para compreensão. Um mesmo texto literário permite várias interpretações pelo fato de não apresentar restrições ou objetivos definidos. As diferentes compreensões variam de acordo com as expectativas de cada leitor.

O texto literário não só dialoga com o leitor, como pode provocar diferentes emoções em um único leitor. A cada nova leitura o sujeito pode construir diferentes concepções e novos conhecimentos. Para Rangel, quanto mais o leitor dialogar com o texto, maior será sua competência leitora. Segundo a autora (2009, p. 27), essa característica aplica-se diretamente à leitura literária porque:

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo,

mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem o objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabado, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo.

Dessa forma, faz-se necessária uma reflexão sobre como a leitura literária vem sendo desenvolvida na escola, já que ela tem o poder de ampliar horizontes do leitor, instigar a sua imaginação e criar novas perspectivas na forma dele ver o mundo. Pensamos que a escola seja o lugar privilegiado para promover o contato dos alunos com os mais diversificados gêneros, como também ela tem a autonomia de despertar e estimular os alunos para práticas de leitura que sejam significativas para a construção de sentido.

Muitas vezes os textos literários são utilizados na escola com o objetivo apenas de escolarizar, o que não é de fato um erro, mas, ao utilizar a literatura dessa forma, estamos impossibilitando o leitor de descobrir o prazer, de viajar, de despertar a sensibilidade e de posicionar-se criticamente.

Soares (1999) “não considera escolarização da literatura algo errado,” mas reforça que a prática leitora deve também provocar o prazer e permitir ultrapassar os limites da escolarização. Nesse sentido, podemos observar que a literatura tem uma função muito mais ampla do que apenas ensinar a ler ou conhecer as diversas formas de linguagens, ela pode contribuir para quebrar paradigmas, questionar e construir valores.

O texto literário instiga a imaginação, conduz o leitor a viajar através do pensamento, permite a construção de sentidos. Por isso, a necessidade de utilizá-los na escola precisa ser vista de outro ângulo, os professores precisam assumir uma nova postura em relação a utilização desses textos, que podem ir além de ensinar regras gramaticais, regras discursivas, domínio da oratória, direcionamentos ideológicos, etc. O texto literário precisa ser lido considerando as suas especificidades. O leitor precisa ser conduzido a uma leitura relacionada à vida social, mas, ao mesmo tempo, portanto de certa autonomia. De acordo com Cosson, (2006, p.16):

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Conhecer e articular o mundo feito linguagem é situar o texto literário entre a realidade e a ficção, o real e o imaginário. É compreender que há possibilidade de ruptura das regras estabelecidas pelos acadêmicos ultrapassados. A leitura literária é a porta de entrada para favorecer o rompimento de um universo único, ao se pensar nessa prática apenas como obrigação de ler para responder quantos parágrafos tem um texto, para identificar o número de personagens de uma narrativa ou ainda para ficar informado sobre o número de regiões brasileiras e seus respectivos tipos de vegetação. Ela sempre irá exigir mais atenção por parte do leitor, seja para observar o ritmo de um poema, as características dos personagens ou seus traços psíquicos, a intenção do narrador e do discurso existente nas entrelinhas da narrativa. Para ler esse tipo de texto, o leitor utiliza mecanismos cognitivos de forma mais intensa pelo fato desse tipo de texto exigir maior compreensão.

Para Colomer (2007, p. 159): “A leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permitam sua integração e conferência com outros tipos de aprendizados.” A autora não descarta a necessidade dos “aprendizados linguísticos” em primeiro lugar, visto que na sua concepção (p.159): “o trabalho linguístico e literário conjunto permite apreciar as possibilidades da linguagem naqueles textos sociais que o propõem deliberadamente, como é o caso da literatura.”

Para que o hábito de leitura seja desenvolvido na sala de aula é necessário em primeiro lugar compreender que ler não é apenas identificar as estrofes de um texto poético para resolver atividades. De acordo com Barthes (2005), “ler” é essencialmente “escrever” o que se passa com você na hora da leitura. Para o autor, “Ler é perceber as associações que são feitas, articulá-las, sem no entanto, fechar a compreensão num dado seguro ou lugar único”.

O que o autor quer nos dizer é que o(a) leitor(a) é um(a) escrevente constante de suas memórias leitoras e que não existe escrita sem leitura. Para ele, autor, texto e leitor fazem parte de com direitos uma comunidade com direitos iguais. Barthes ainda faz a comparação da leitura com um jogo no qual há regras e também jogadores que se concentram no jogo e que dificilmente a atenção deles será desviada. Na leitura, há um processamento mental e sensorial no contato que mantém o texto que será guardado na memória e acionado pelas articulações que o próprio mundo oferece.

Entendemos então que a leitura por fruição vai muito além da leitura por prazer, pois existe a possibilidade tanto do contentamento, quanto do desconforto. Nesse sentido, Barthes (1987, p. 21) orienta:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

Ao propor a importância do texto literário, não pretendemos desvalorizar os textos não literários como: artigos de divulgação científica, notícia, entre outros. Estes também têm sua importância no que diz respeito às necessidades da vida cotidiana, porém o que pretendemos é apresentar a importância da leitura literária, uma vez que esta é um processo no qual oportuniza o leitor a se posicionar criticamente construindo significados e não deve ser tratado apenas como recurso para aprender regras de gramática ou adquirir conhecimentos restritos.

As construções literárias favorecem a formação de leitores a partir do momento que os gêneros literários são trabalhados levando em consideração toda a sua potencialidade e não apenas a valorização de aspectos formais. Para Yunes (1984) o leitor é provocado pela leitura que o leva a tomar consciência.

Assim, é importante que escola e educador não fechem as portas para a leitura literária, uma vez que através desta, o hábito de ler ganha novas proporções e possibilidades muito mais profundas. A leitura de textos literários usada como instrumento de imaginação, afetividade e raciocínio, possibilita a formação crítica do indivíduo e construção de conhecimentos. Para Mendes (1997, p. 146):

O estatuto peculiar das obras literárias como seres incompletos, ávidos de interpretação e exigindo uma permanente revisão das categorias que aspiram a descrevê-los, gera hábitos disciplinares de aprendizagem e de produção de saber, fabrica atitudes que, por sua vez, marcam o próprio modo do conhecimento, sacudindo fórmulas e ideias feitas.

A autora nos faz refletir sobre insaciabilidade do texto literário e a ruptura de paradigmas que a literatura proporciona. A leitura literária contribui para a formação leitora uma vez que ao estabelecer uma interação prazerosa de criticidade com o texto lido, o leitor tende a adquirir competência, se tornar autônomo e construir suas próprias ideias.

Nesse sentido, muito mais importante do que ler para conhecer ou ter domínio

da Língua, é ler as entrelinhas, é descobrir, é deduzir, comparar, criticar, criar e recriar. Não podemos atribuir a formação de um leitor apenas ao hábito de ler, pois a leitura proficiente vai além de um hábito. Ela presume significação. O texto literário despertar interesse dos educandos.

Segundo Lajolo, a literatura proporciona a manifestação de sentido de um texto por completo. Contudo, o trabalho de leitura com o texto requer essa completude de sentido. Para a Lajolo (1984, op. cit. p. 59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Partindo desse pressuposto, entendemos que atribuir significado a um texto é muito mais do que decifrar seu sentido. Dessa forma, a leitura é considerada como um processo de interação e de construção de sentido(s), entre quem lê e quem escreve onde o leitor a partir de sua vivência, pode construir um elo entre texto e contexto e atribuir significados.

2.3 Obras Literárias: Leitura, Reflexão e Expectativas

As obras literárias são consideradas frutos das relações sociais dos autores, pois através delas, os artistas exprimem sentimentos e uma visão ou visões sobre o mundo, proporcionando ao leitor a experiência da fruição estética, provando-lhe reflexões sobre si e sobre a vida real. Dessa forma, a literatura contribui significativamente no processo de transformação social.

O texto literário desempenha o papel de mediador entre leitor e o mundo que o cerca. Ao ler uma obra literária, é inevitável o desligamento automático do mundo real. O leitor adentra o mundo da ficção, da literatura e dessa forma acontece um processo observação e percepção acerca do universo que a obra expõe e do recorte da realidade feita pelo o autor.

A reconfiguração do real é uma característica da obra literária, a qual tem maior eficiência em transformar. O leitor, em dado momento da leitura, tende a se afastar da realidade e esse afastamento breve contribui para a criação de novas expectativas.

Zilberman, (2012, p. 18) diz:

Em outras palavras, embora a obra escrita, de um lado, signifique a

possibilidade de o indivíduo se integrar ao meio e melhor compreendê-lo, de outro, ela estimula a renúncia ao contato material e concreto, denegrindo as qualidades deste ao negar-lhe os atributos de plenitude e totalidade.

Para a autora, embora a leitura proporcione ao leitor uma melhor compreensão da realidade, essa compreensão se dá através de uma perspectiva de mundo diferente da que já existe. A leitura proporciona a dispersão da realidade, sem perdê-la totalmente de vista. Considerada como um ato libertador e emancipatório, a leitura não só proporciona certezas ao leitor, mas permite-lhe fazer inúmeras interrogações, duvidar, questionar e através de todo esse percurso, ele terá a imaginação que lhe proporcionará emitir juízo de valor ou posicionar-se criticamente.

Dessa forma, ao optarmos pela prática leitora de narrativa literária, escolhendo o cordel como *corpus* por entender que o texto literário propõe ao leitor não só o deleite, mas outras formas de desafio, uma vez que o texto literário não refletindo fielmente ao mundo real como dissemos acima, esse tipo de texto oferece uma visão, que pode criar novas expectativas. É possível que o leitor se manifeste a partir da leitura de um texto literário, se posicione de forma crítica, faça comparações, identifique marcas de oralidade e marcas de sua cultura em outras culturas passadas e distantes.

Zilberman (2012) considera “as obras literárias perenes”, por permitirem a interação de leitores de diferentes culturas. É a especificidade da literatura que a faz instigante, pois conduz o leitor a percorrer caminhos seguidos de expectativas, imaginação, mas, acima de tudo, o coloca diante de uma oportunidade de desenvolvimento de consciência crítica. Segundo Aguiar e Bordini (1993, p.84):

Se a obra corrobora o sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativa desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. Por outro lado, obras literárias que desafiam a compreensão, por se afastarem do que é esperado e admissível pelo leitor, frequentemente o repelem, ao exigirem um esforço de interação demasiado conflitivo com seu sistema de referências vitais.

No ato de ler, há um processamento mental e sensorial no contato com o texto, este que será guardado na memória e acionado pelas articulações disponibilizadas pelo própria experiência de mundo do leitor. Esse momento é único, mas repercute para toda a sua vida. Dessa forma, na proporção que os textos favorecem a interação, cumpre-se aí a função social da literatura, que é manifestar-se a partir da vivência e da experiência do leitor.

A leitura de textos literários, diferentemente de outras leituras, proporciona a

liberdade, amplia o universo de possibilidades antes restritas e constrói um aprendizado no que diz respeito à resolução de conflitos. Segundo Jauss (1994, p.52), “[...] a experiência da leitura logra libertá-lo das opressões dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas.” O texto literário possibilita uma nova percepção de mundo. Existem sempre novas possibilidades de leitura a partir do texto escrito, pois a cada vez que se lê um texto de literatura, novas interpretações podem surgir.

Acreditamos que priorizar a leitura de textos literários na escola é um passo relevante, contudo, que não seja de forma unívoca, onde o leitor não possa ter suas próprias concepções. Através da literatura o homem pode vivenciar diferentes realidades e situações, visto que todo indivíduo em algum momento tem a necessidade de substituir a realidade por uma aventura imaginária e a literatura possibilita essa aventura. Ela é indispensável para a formação do ser humano e tem papel humanizador.

De acordo com Candido, (1995, p. 186), a literatura é capaz de transformar o ser humano. Vista como necessidade que precisa “ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. O autor defende o direito de todos à literatura, pois considera-a uma necessidade universal quando diz:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Na concepção do autor e pesquisador, o acesso à literatura por parte da população faz-se necessário para manter o equilíbrio social, pelo fato dela abordar problemas sociais e causar inquietações. Ao confrontar a leitura com a realidade, o leitor se vê provocado a pensar e posicionar-se criticamente sobre sua vida e agir sobre ela.

Candido (2008, p. 6) discorre sobre a obra literária e diz que ela tem poder transformador e humanizador, pelo fato de propiciar duplo efeito no leitor, quando leva o leitor a deparar-se com situações não reais que o instiga a posicionar-se de forma crítica. Dessa forma, mesmo distante de sua realidade, a literatura conduz o leitor a refletir sobre seu cotidiano e integrar-se a novas experiências.

Para o autor “O processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo.” Como vemos, a condição humanizadora da

literatura é de grande relevância, pois como diz o autor, ela mutila a personalidade e com isso nos organiza e nos liberta em prol do crescimento qualitativo, colaborando para o “o desvendamento daquilo que todos nós, conscientemente ou não, perseguimos durante a existência.” (MOISÉS, 2012, p. 28).

É possível que a literatura, principalmente a popular, com sua função de encantar o leitor e capacidade de instigar a sensibilidade pelo fato de ir de encontro com a cultura, permita o desenvolvimento da competência leitora e da fruição. Sobre leitura literária na sala de aula, Zilberman (2008, p. 53) afirma:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo.

A autora (2008) nos faz refletir sobre a individualidade que a princípio pode acontecer ao ser realizada a leitura do texto literário, mas assegura que se essa ação for realizada na escola, ela é capaz de permitir a aproximação de experiências do leitor com novas experiências que ele adquire ao ler o texto e assim promover a ressignificação.

3 O CORDEL NA SALA DE AULA

Os estudos sobre a literatura de cordel nos fez perceber o quanto ela é capaz de potencializar saberes e memórias. O cordel é um gênero que através de suas narrativas, permite a manifestação de tradições. Há nos poemas cordelísticos, inúmeros compartilhamentos de experiências que permitem ao leitor, tanto o diálogo com o passado como também oportuniza a fazer comparações com o presente. Assim, é possível que a literatura de cordel possibilite o resgate de memórias e a construção de saberes. Dessa forma, necessitamos um estudo mais preciso sobre a história do cordel.

3.1 Conhecendo um pouco da História do Cordel

A literatura de cordel se originou em Portugal. Naquela época, marcada pelo período medieval, os poemas eram cantados pelos trovadores. Histórias eram espalhadas através destes poetas, para a população que na época, uma grande parte era analfabeta. Além de não se originar no Brasil, a Literatura de Cordel recebeu outras nomenclaturas em países como Portugal e Espanha, contudo ela chegou ao Brasil e ficou popularmente conhecida nos estados do Nordeste e assim, considerada como literatura de cultura nordestina. De acordo com Silva (2005, p.18):

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. A pergunta que mais inquieta e intriga os nossos pesquisadores é “Por que exatamente no nordeste?”. A resposta não está distante do raciocínio livre nem dos domínios da razão. Como é sabido, a primeira capital da nação foi Salvador, ponto de convergência natural de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro.

O Nordeste se tornou palco da Literatura de Cordel e esse fato deve-se deve-se a um conjunto de fatores de formação social que contribuíram para isso. Alguns desses fatores segundo Júnior (1986, p. 40) são: “a organização da sociedade patriarcal, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais”. O autor ainda diz que esses fatores desencadearam lutas familiares que contribuíram para o surgimento de manifestações populares através de cantadores.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 18):

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas.

De acordo com o autor (2012, p. 19), “Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados.” Literatura de cordel é um termo vindo de Portugal, e esse nome se dá devido ao fato de os folhetos serem expostos à venda presos por barbantes. Nesse sentido, Júnior (1986, p. 31) explica: “O nome literatura de cordel vem de Portugal, e como todos sabem, pelo fato de serem os folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos.”

Os cordelistas nordestinos, a princípio, assinalavam em seus folhetos um lugar inóspito, traziam imagens utópicas, heroísmos e de personagens que quebravam as barreiras impostas pela sociedade. Nessa perspectiva, os poetas dialogavam com a mitologia clássica em suas narrativas poéticas ao apropriarem-se de espaços e personagens da Antiguidade.

Devido ao fato de contar histórias com narrativas instigantes e com a simplicidade com a qual realizava essa ação, possibilitava a compreensão da população mais simples. Dentre as características da poesia de cordel, podemos citar a métrica fixa e as rimas que proporcionam musicalidade aos versos.

Uma das características da literatura de cordel são as xilogravuras que são usadas para ilustrar as capas de alguns folhetos. Vale ressaltar que nem todos os cordéis utilizam xilogravuras. Nesse sentido Marinho e Pinheiro (2012, p. 45) explicam que:

O uso de xilogravuras nas capas dos folhetos não é tão antigo como se imagina. Na década de 1920 os folhetos eram ilustrados com fotos de artistas e clichês de cartões postais. Segundo Luyten, as xilogravuras só aparecem nos folhetos a partir da década de 1940.

Fortes elementos da cultura brasileira marcam a poesia de cordel. Entre eles estão os fatos do cotidiano, as lendas e os acontecimentos históricos. Também são marcas fortes do cordel os temas políticos e religiosos, do folclore brasileiro e outros. Vários acontecimentos que envolviam questões amorosas, sofrimento, súplica e oração, serviam de suporte para motivar os poetas a produzirem poesia. A vida pitoresca do sertão também entra em destaque na poesia cordelística pelo fato de abordar problemas sociais como as questões relacionadas com a seca, com a fome, etc.

Não é possível citar todos os temas presentes no cordel, porém entre alguns dos temas tradicionais estão romances e novelas, contos maravilhosos, estória de animais, anti-heróis: peripécias e diabruras, tradição religiosa. Assim, o cordel é um gênero que além de ser capaz de despertar o senso crítico, também é informativo mesmo que isso não seja um compromisso dela.

As narrativas criadas pelos poetas trazem personagens protagonistas que provocam a reflexão sobre a resolução de problemas sociais. Geralmente essa sinformações eram repassadas para a população analfabeta, através da leitura por parte pessoas mais cultas que compravam os folhetos e liam para esse público menos favorecido. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 19):

Os cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram

escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população: advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros. Em muitos casos, os cordéis eram comprados por uma pessoa letrada e lidos para um público não letrado, situação que se reproduz no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente.

Assim, percebemos que os folhetos de cordel não eram acessíveis às camadas menos favorecidas, pois ocupava espaços reservados aos escritores e homens letrados. Antigamente os folhetos eram lidos em lugares públicos e contribuíam para a alfabetização de pessoas não letradas. Com o tempo, algumas mudanças ocorreram devido situações precárias de camponeses que já não tinham de onde tirar seu sustento, tendo que se ausentar do campo e procurar meios de subsistência nas cidades. Nesse sentido, Marinho e Pinheiro (2012, p.17) explica:

A virada do século XIX no Brasil foi marcada por mudanças que afetaram sobretudo os trabalhadores que viviam no campo, em condições de dependência e favor. A crise que atravessava os vários setores da sociedade tornou visível a situação de exclusão das camadas mais pobres da população. Mudavam as relações de trabalho e os homens pobres e livres buscavam nas cidades novas possibilidades de subsistência.

Assim, as memórias das histórias que ouviam, as narrativas sobre reinos distantes e sobre homens valentes e mocinhas indefesas, foram abordados nos poemas de cordel que eram cantados ou declamados e que logo depois foram transformados em folhetos, tendo assim contribuído para a subsistência de nordestinos pobres que deixaram o campo em busca de melhorias. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 17):

Os primeiros escritores de folhetos que saíram do campo em direção às cidades levavam consigo a esperança por melhores dias e as lembranças de contos e histórias de príncipes e princesas, reinos distantes, homens valentes e mocinhas indefesas, além das canções dos violeiros e repentistas que viajavam pelas fazendas animando festas e desafiando outros cantadores. Vivendo nas cidades, os poetas começaram a transpor para o papel todo este universo de experiências.

Ainda de acordo com os autores, (p.18), os folhetos passam a serem vendidos nas ruas e praças por homens pobres e nordestinos que passam a cantar ou declamar os versos, fazendo com que a poesia ultrapasse as fronteiras e assim não se limite mais apenas ao universo familiar ou grupos sociais.

3.2 Características Estéticas da Literatura de Cordel

Tendo em vista que o texto literário proporciona prazer, é importante pensar o quanto a leitura de um cordel é capaz de proporcionar o prazer estético dos estudantes. Através de sua estrutura composta de recursos poéticos como: o ritmo, a rima, os versos, as estrofes, a musicalidade, ela tem o poder de encantar e além disso, instigar a imaginação, favorecendo a construção de conhecimentos diversos. Contudo, o que queremos ressaltar aqui é a importância da leitura por prazer e o que pressupõe uma leitura prazerosa. Para isso, Barthes (2002, p. 8-9), explica:

Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor
– o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “dague”), *sem saber onde ele está*. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo.

Para o autor (2002), não é apenas na linguagem que está o prazer, mas também no intervalo no qual a vontade do leitor é despertada. Assim, Barthes faz refletir sobre a possibilidade que é dada ao leitor para desejar ler, para a fruição. Dessa forma, o autor nos leva a perceber que o prazer de ler não está relacionado ao prazer com o qual o autor escreve o texto, e sim, no espaço em que é despertado o desejo.

O texto cordelístico carregado de memórias, é mais reconhecido atualmente. Além de favorecer a reflexão, a criticidade e o humor, é capaz de promover também a conscientização do leitor. A presença de fatos do cotidiano e narrativas históricas que envolvem pessoas públicas tanto do passado ou do presente tornam esse gênero um instrumento importante para a sociedade.

Outros recursos que contribuem ainda mais para a valorização da poesia de cordel são: as formas de expressar-se dos cordelistas, a forma composicional através de versos e estrofes. Os versos constituem-se através de sílabas métricas e com rimas. O cordel possui um patrimônio vocabular instigante. Nesse sentido, Alves (2010, p. 28) afirma:

A poesia do cordel brasileiro é rica em sua variedade de métricas, de rimas e histórias. A linguagem, sempre beirando a oralidade, não deixa de surpreender pelo seu virtuosismo. O cordelista, em sua maioria homens do povo, possui um impressionante cabedal vocabular, com o qual tece suas narrativas; consegue resgatar o uso de palavras não tão comuns ao labor da escrita.

Segundo Pinheiro (2014), em pequenas comunidades de leitores de diversos pontos da região Nordeste, o cordel era cantado ou recitado. O folheto de cordel apresenta estrutura fixa, que possibilita a prática de uma leitura lúdica e também prazerosa.

A estrutura do texto cordelístico é apresentada de forma minuciosa na obra de Viana (2010), na qual expõe os variados aspectos e elementos que constituem os poemas de cordel. Dentre os variados elementos, o autor (p. 45) destaca a influência do uso da sextilha, quando diz que: “esta modalidade passou a ser a mais indicada para os longos poemas romanceados.” Para o autor, a sextilha, “É a modalidade mais rica, obrigatória no início de qualquer combate poético, nas longas narrativas e nos folhetos de época.” Geralmente é a mais utilizada pelos cordelistas e poetas. Viana (2010, p. 46), explica:

A sextilha é constituída de estrofes de seis versos, cujas rimas correspondem ao seguinte esquema: ABCBDB, onde o segundo, o quarto e o sexto versos, rimam entre si. Essa modalidade ainda apresenta cinco estilos de rimas: aberto XAXAXA; fechado ABABAB; solto XAXAXX; corrido AABCCB e desencontrado ABBAAB.

Assim, ressaltamos a relevância dessa forma de estrutura do folheto, uma vez que o uso de sextilha possivelmtne facilite a percepção do ritmo e da sonoridade no poema, o que pode ser primordial para que o texto cordelístico seja aceito e apreciado na escola. O cordel é poesia, porém nem toda poesia se estrutura através de rimas. Assim, o gênero cordelístico se destaca por favorecer esse recurso.

Não descartamos aqui a beleza do texto poético de modo geral, pois ele tem o poder de encantar, seja rimado ou não. Não podemos esquecer o valor do texto poético quando o levamos para a escola, nem devemos usá-lo de forma restrita. É preciso explorar a poesia tem para oferecer que não se limita apenas a ensinar regras de gramática e ortografia. O texto poético desperta o pensamento crítico, emociona, provoca o prazer.

Antunes (2017, p. 88) chama a atenção para o fato do desvirtuamento da poesia no ensino de língua quando o encantamento do texto poético não é considerado e este é reduzido a um pretexto para trabalhar questões gramaticais. Para a autora (2017, p. 88): “Ler poesia exige sentimento, emoção, ‘gozo’, partilha de uma experiência estética, que supera a mera troca de informações.”

Dessa forma, percebemos a importância do desenvolvimento da competência

leitora com práticas que vão além da obrigação e do controle de situações devidas. É interessante despertar nos alunos a espontaneidade, a leitura por fruição. Para que os alunos sintam interesse em ler, faz-se necessário que eles sejam atraídos para esse hábito. Despertar o interesse dos alunos por leitura deve ser por meio de conquista e não por opressão.

Buscamos uma definição do que é de leitura por fruição e constatamos que é a leitura realizada pelo gozo em ler, sem a necessidade de existir nenhuma atividade posterior. O leitor lê por diferentes motivos e o que mais deve aguçar seu interesse é o desejo de ler o que a ele interessa. Nesse sentido, Geraldi (2006, p. 98) orienta:

Com “leitura - fruição de texto” estou pretendendo recuperar de nossa experiência uma forma de interlocução praticamente ausente das aulas [...]: o ler por ler, gratuitamente. E o gratuitamente aqui não quer dizer que tal leitura não tenha um resultado. O que define esse tipo de interlocução é o “desinteresse” pelo controle de resultado.

Mais uma vez a importância da leitura sem obrigatoriedade é reforçada. Para a formação de leitores em sala de aula, é imprescindível possibilitar aos alunos várias oportunidades para que eles próprios construam a consciência que a leitura é uma atividade importante que proporciona prazer, liberdade, diversão e conhecimento. Vale ressaltar que a leitura por fruição vai muito além da leitura por prazer, pois existe a possibilidade tanto do contentamento, quanto do desconforto. Nesse sentido, Barthes (1987, p. 21) orienta:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

O autor (1987) faz refletir sobre a diferença de leitura por prazer e leitura por fruição, uma vez que o prazer está associado ao conforto que a leitura proporciona e a fruição nem sempre vai proporcionar contentamento, pois vai gerar uma certa inquietação que implicará em mudança de pensamento, transformação.

A leitura por fruição é prevista como uma das competências específicas de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental pela Base Nacional Comum Curricular o que nos leva a crer cada vez mais na potencialidade desse tipo de leitura. A nona competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino

Fundamental apresentada pela BNCC (2017, p, 87) orienta:

Envolver-se em práticas de leitura que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como forma de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

A leitura é uma ação importantíssima a ser utilizado na sala de aula para despertar o senso crítico e provocar a reflexão, uma vez que um mesmo texto é capaz de possibilitar diferentes interpretações. O texto literário permite inúmeras possibilidades ao leitor como: caminhar pelo desconhecido, despertar a sensibilidade curiosidade, instigar o imaginário e ainda estimular a criatividade. Vale ressaltar que essas possibilidades tornam- e alcançadas pelo aluno quando o professor desenvolve uma prática de leitura que favorece a fruição.

De acordo com Zilberman (2003, p. 18):

Quando o professor possibilita a fruição dos seus alunos, ele está dando reais condições para que estas crianças possam se desenvolver, baseados na liberdade de expressão, independentemente do livro que lhes foi apresentado, pois a justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprida toda a referência concreta.

Percebemos, no entanto, que a literatura oferece ao leitor a liberdade de buscar a plenitude dos saberes, a consciência de que está aprendendo e a autonomia de alçar voos antes inimagináveis. Vale ressaltar que o professor, ao compreender a leitura como algo que perpassa tempos e espaços que vão além de fronteiras geográficas ou cronológicas, ele está presumindo maior harmonização com os leitores contemporâneos.

3.3 Cordel e Identidade

O folheto de cordel é instrumento essencial para a construção da identidade cultural, o que jamais poderia ser alcançado através de um verbalismo vazio e sem regionalismo. Há uma vasta diversidade cultural nos poemas de cordel que pode ser comparada com as experiências de vidados alunos permitindo assim a identificação. De acordo com Nascimento (2013, p.99):

A formação dos sujeitos é fruto de reconstruções permanentes e relações interdisciplinares que ocorrem na escola e na cultura, na escola e na sociedade, na escola e na história, numa busca de articulação que mobiliza as subjetividades para o viver cotidiano, suas interferências e utilizando suas lições para auxiliar a ensinar a nós mesmos.

Um dos aspectos mais importante da literatura de cordel é o fato dela operar como divulgadora da arte, especialmente do cotidiano. Um exemplo disso são as tradições populares, o que atribui a essa literatura, segundo Santos (2016, p.18), “característica da manutenção das identidades locais e das tradições regionais que consequentemente contribuirá para a devida manutenção da memória da população.”

A memória eternizada atualmente em tradições populares como as crenças, a religiosidade, os costumes do povo de modo geral, é o alicerce da sociedade. No entanto, acreditamos que os ritos e tradições em forma de canções populares preservadas até hoje abrigam a identidade nordestina. A literatura de cordel integra esse universo de poesia popular. Segundo Silveira e Freitas (2009, p. 3):

No Brasil e em países como na França, o cordel que provém da Região Nordeste vem ocupando espaço privilegiado como gênero artístico-literário. Os versos apresentam-se em forma de poesia rimada, e quando sua performance ocorre via oral (canção) e gestual (representação), a literatura de cordel ganha vida e contribui ainda mais para propagar as histórias e narrativas populares do Nordeste brasileiro, que são autênticas manifestações de oralidade.

Os poemas de cordel, além de abrangerem temas universais, englobando histórias, fatos, etc., ainda reportam elementos que fazem parte do cotidiano das pessoas, sendo assim, capazes de contribuir para o fortalecimento de identidades. Desse modo, pensamos na potencialidade do gênero cordelístico para despertar o interesse na formação de leitores e que a tradição ou cultura de um determinado grupo social constitui a identidade. Nessa concepção, Hall (2007, p. 21) define a identidade como algo que não acontece de forma automática podendo ocorrer mudanças, quando diz:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Com base na concepção do autor, a identidade pode ser construída ou desconstruída, podendo sustentar-se mediante a diferença. Entretanto, observamos que manter as tradições através da cultura oral a fim de preservar a cultura nordestina, é abrir uma possibilidade de contribuir na construção de identidade.

Para Muzarte-Fonseca (2006, p. 15).

É a partir daí que se consegue visualizar que as vozes cantadas no sertão possuem uma história e nela deixam transparecer suas tradições, vivências passadas de geração a geração. A preservação dessa memória é importante no fortalecimento da construção identitária do povo nordestino, bem como auxilia na interpretação das representações sobre esse sujeito. Assim, Memória das vozes pretende ser uma ajuda à compreensão destas vozes que vêm do passado e continuam vivas no presente, vozes poéticas e cantadas, ou “traduzidas” para a escrita quando a simples memória enfraquece e se revela insuficiente para conservar a riqueza do patrimônio poético.

O ser humano é dotado de hábitos, costumes e valores que são repassados de geração em geração, fazendo da sociedade uma organização humana cheia de variações. As relações interpessoais, as linguagens, os rituais religiosos e a culinária são exemplos de alguns dos elementos que fazem parte da cultura de cada região.

A construção da identidade do ser humano se dá através de características que ele adquire no ambiente onde vive e pelas influências recebidas no contexto social e cultural. Diante das novas configurações em que atualmente a cultura se encontra, a literatura de cordel é considerada uma representações populares mais relevantes do povo sertanejo. Dentre todos os elementos culturais existentes, ela é um dos mais importantes, pois ao tratar de problemas sociais, políticos, etc., ela dá um novo significado a identidade regional.

O cordel é produto da sociedade, que se faz presente de forma múltipla, discutindo, apresentando informações e opiniões sobre política, religião, sociedade, economia, educação, etc. Através de linguagem própria e adaptadas às percepções, ele registra e recebe interpretações que são baseadas na realidade dos seus sujeitos. De acordo com a definição de Curran (2001, p. 20):

O cordel como crônica poética e história popular, é a narração em verso do ‘poeta do povo’, no seu meio, o ‘jornal do povo’. Trata-se de crônica popular que expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as raízes do Nordeste na linguagem do povo.

O conjunto de saberes da literatura de cordel é de grandes proporções educativo, pois as visões de mundo nela expressas são baseadas a partir de questões históricas e culturais. Através da sua variedade temática, o cordel apresenta ideologias e visões de mundo diferentes, que segundo Marinho e Pinheiro (2012, p.129), podem ser usadas “para instigar debates, discussões em sala de aula.” É possível que a interação por meio de debates em sala de aula permita o compartilhamento de alguns elementos culturais que ao longo do tempo foram construídos na sociedade e, possibilitando assim a a

construção de diferentes saberes.

As narrativas do cordel desempenham grande poder de comunicação, representando diferentes indivíduos e costumes, considerando o contexto cultural de cada um. O cordel, por fazer parte da construção de mundo de determinados grupos e diferentes culturas, ao abordar problemáticas sociais, políticas e culturais, talvez possibilite a ressignificação de identidades.

A religiosidade marcada pelo símbolo do catolicismo caracteriza a cultura nordestina. Alguns elementos como valores, religiosidade, crenças em milagres, oferta de sacrifícios, efetividade de fé, são comportamentos humanos que muitas vezes estão representados na literatura de cordel.

Segundo Lucena (2007, p. 2):

Podemos observar os efeitos históricos da identidade do homem do nordeste; um homem sofrido, calejado pelas dores provocadas pelo abandono da terra, pela migração, pela marginalização e discriminação. Dores estas que só são sanadas, aliviadas pela fé, pela religião. Do mesmo modo que o homem nordestino busca respaldo religioso para aliviar as amarguras do seu sofrimento, ele o faz também para agradecer, em tempo de colheita, o que da terra recebe.

A literatura de cordel possibilita a exploração de espaços, relações sociais, situações cotidianas e a construção de conceitos sociais. Para a caracterização identitária do povo brasileiro são levadas em conta a religião, a diversidade étnica e todas as tradições que fazem parte do contexto social especialmente do nordestino. A cultura nordestina é rica em costumes. Alguns deles são as crenças e muita fé em Deus e no poder das orações.

Segundo Brasileiro e Silveira (2013, p.06):

O apelo a “Deus” é típico do falar nordestino, que respeitosamente pede ajuda na hora do sufoco de qualquer natureza, por isso traz uma representação forte da oralidade do povo do campo. Seguido da narração de que os tempos das chuvas estão passando e ela não veio, junto a isso se somam os problemas que se acumulam, como fome e doenças advindas das péssimas condições de salubridade e da própria falta de água.

Os poetas retratam universos diferentes em seus poemas quando expressam suas ideias, sentimentos e emoções, acerca de problemas sociais, conflitos e outros acontecimentos, criando com isso novos conceitos sobre a sociedade. Assim, há nos folhetos uma articulação de culturas diversas na qual o leitor pode ser despertado para reconhecer-se identitariamente.

Atualmente o cordel é conhecido em todo país, porém, de acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 17), do final do século XIX e entrada do século XX, este gênero fazia parte da vida dos nordestinos. Isso se dá pelo fato da alta produtividade de diversificados poemas populares no Nordeste. No entanto, a natureza regional da literatura de cordel, a diferencia das demais. Com suas raízes originadas da tradição popular, relata acontecimentos e sempre faz referência à cultura.

Diante disso, pensamos na possibilidade de construção de sentido que a literatura popular, especificamente a literatura de cordel pode oferecer pelo fato de possibilitar ao aluno o diálogo com sua própria cultura e com outras culturas. É possível que o leitor, ao ler um folheto, sintasse-se representado nele, pois, segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 126-127), “A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país.” As experiências locais devem ser valorizadas, a visibilidade atribuída às formas poéticas específicas que circulam no lugar onde os leitores moram, contribuem tanto para a sua formação leitora e também cultural. Nessa concepção, temos Marinho e Pinheiro (p. 127) que diz:

Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa de maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos.

Percebemos que na concepção dos autores, é importante um trabalho com cordel, voltado para o diálogo com a cultura da qual ele se origina. Alguns poemas de cordel, ao relatar eventos históricos, artísticos e folclóricos, dispensam formalidades e utilizam-se de uma linguagem mais simples, que possibilita a compreensão de assuntos importantes e diversos por um grande número de pessoas. O cordel é um gênero que encanta seja através das rimas, da expressividade ou até da emoção com a qual os poetas escrevem. Por isso ele tem uma aceitação muito intensa no Nordeste e no Brasil.

Assim, ao contemplar a leitura de textos de cordel em sala de aula, pensamos na possibilidade de ressignificação. O cordel, ao proporcionar musicalidade e despertar o prazer estético, também é capaz de instigar a imaginação e tudo isso provavelmente possibilite o desenvolvimento da de construir sentidos. É possível que a partir da leitura e interpretação de textos cordelísticos, os alunos atribuam novos significados às suas vivências. .

Não queremos aqui afirmar que o cordel é um gênero textual que construa

identidades, mas é provável que a leitura desse gênero ofereça inúmeras possibilidades de identificação e resgate de memórias por parte do leitor, como também proporcionar o prazer estético, instigar a imaginação, contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico e para a construção de sentido.

Várias são as razões pelas quais a literatura de cordel é classificada como herança de grande valor capaz de permitir a identificação dos leitores e a percepção de traços de identidades. Uma dessas razões se dá pelo fato dessa literatura, carregada de crenças, valores, mitos, etc., ser responsável por propagar a cultura histórica de diversas regiões.

3.4 A Oralização do Cordel como Ferramenta de Ludicidade e Interação

A realidade na qual vivemos exige de nós o papel de sabermos nos posicionar criticamente diante das diferentes situações que nos são apresentadas no cotidiano. Para isso, faz-se necessário desempenharmos bem as diversas formas de linguagem. Contudo, a literatura de cordel, por possuir elementos que são favoráveis ao discurso e interação, é um recurso atrativo capaz de possibilitar motivação para a realização da leitura oral em sala de aula já que não é tão fácil desenvolver atividades pautadas na oralização. Geralmente é comum notarmos resistência em exposições orais por parte dos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais em propostas de exposições orais. Eles apresentam timidez e dão prioridade para as atividades escritas.

Dessa forma, pensamos que o cordel seja um gênero textual capaz de promover dinamicidade e facilitar o desenvolvimento da leitura oral em sala de aula pelo fato dele possuir uma estrutura constituída por rimas, versos e estrofes e ainda, ser capaz de conduzir o aluno a expressar-se livremente, proporcionar a interação, instigar discussões e favorecer a autonomia.

Pensamos que a oralização em sala de aula, contribua para que o aluno habitue-se a expressar-se livremente, a expor suas ideias sem timidez. Essa forma de leitura pressupõe envolvimento e atração, já que o cordel apresenta estrutura baseada no ritmo e na musicalidade. É possível que a comunicação oral na sala de aula colabore para uma interação mais efetiva entre os envolvidos e favoreça a construção de conhecimentos. Ela é indispensável à formação crítica do aluno, possibilitando a troca de ideias que comungam ou que divergem, mas que sentidos sejam construídos.

Para o trabalho com a oralização, a BNCC (2017, p. 161) orienta a seguinte

habilidade:

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Em virtude dos diferentes temas abordados nos folhetos de cordel, vemos esse gênero como um importante recurso para desenvolver a prática de leitura oral em sala de aula. Vale ressaltar que a leitura do folheto de cordel não deve ser restrita à leitura silenciosa e nem tão pouco concebida apenas como fonte de informação ou transmissão de conteúdos. Tendo em vista que o texto cordelístico surgiu da oralidade, não se deve limitá-lo a um tipo de leitura que não exerça a voz, pois assim, o poder de comunicação tornaria-se fraco. Assim, torna-se essencial dar voz ao folheto de cordel em sala de aula. Nesse sentido Pinheiro (2007, p. 39) diz que:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

Percebemos, nas palavras do autor, uma orientação de proposta de um trabalho com a oralização dos textos de cordel na sala de aula, o que reforça ainda mais a nossa concepção de que o contato dos alunos com os mais diversos textos literários, pode contribuir, não apenas como fonte de informação, mas também para formar um leitor

reflexivo, crítico e autônomo.

A partir da experiência com as mais variadas formas de narrativas envolvendo sentimentos, emoções, problemas sociais, criação do imaginário etc., o leitor tem a oportunidade de se identificar, fazer comparações, refletir, criar e se posicionar criticamente acerca de qualquer questão social que o texto apresente. Com toda essa relevância da oralização em sala de aula, ela ainda possibilita que o aluno ao adquirir fluência na fala, participe de situações de exposições orais, expondo suas ideias sem embaraço para a coletividade. Nesse sentido, Porto (2009. p. 22) diz que:

[...] No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente.

A prática da leitura oral na sala de aula é de grande relevância para exercitar a fala e contribui também para aqueles alunos que se sentem desconfortáveis ao falarem em público, perderem a timidez. A oralização exercita o hábito de escutar e respeitar a fala do outro, contribui para a interação e assim facilita a convivência social. Nessa perspectiva, Porto (2009. p. 23) ainda orienta:

Saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores é fundamental. Se não houver ouvinte, a interação não acontece. Logo, é preciso desenvolver nos alunos a competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social.

O fato de os alunos não terem convivência com a oralização em sala de aula, pode tornar complicado um trabalho que contemple essa prática, mas vale lembrar que antigamente as histórias eram preservadas apenas na memória e assim iam sendo repassadas para as novas gerações através da fala.

É possível que a princípio, o trabalho com a oralização em sala de aula apresente dificuldades, mas na proporção que essa prática vai sendo realizada, o desenvolvimento dessa habilidade se torna menos trabalhoso, uma vez que o envolvimento dos alunos com a leitura torna-se possível pelo fato do ritmo proporcionado pela leitura, que somente na forma de oralização podemos perceber. A aproximação da literatura de cordel com o cotidiano também pode contribuir para despertar a curiosidade e interesse.

Sobre a oralização da literatura de cordel na sala de aula, Gomes-Santos (2012, p. 10) diz:

[...] é importante compreender melhor a natureza da exposição oral porque, ela assume na escola uma dupla função: é ao mesmo tempo, um

instrumento de trabalho do professor – afinal, grande parte das atividades de ensino é organizada por meio de exposições orais – e uma tarefa escolar importante a ser realizada pelo aluno – de transmitir aos outros os conhecimentos aprendidos.

Acreditamos que a prática da leitura em voz alta facilita o hábito de escuta e isso contribui muito com o trabalho do professor em qualquer atividade que utilize a fala e necessite da atenção dos alunos. Para qualquer atividade com leitura em sala de aula faz-se necessário desenvolver nos alunos o hábito de escutar o outro, de respeitar a vez do outro falar e também ter atenção no que o outro lê, para viabilizar sua própria interação. De acordo com a BNCC, (2017, p.169):

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

As manifestações existentes nos folhetos de cordel evidenciam o quanto a cultura popular é ampla em sua temática e diversidade cultural. É possível que a leitura oral em sala de aula colabore para uma interação mais efetiva entre os envolvidos e favoreça a aquisição de conhecimentos. Ela é indispensável à formação crítica do aluno, possibilitando a troca de ideias que comungam ou que divergem, mas que sentidos sejam construídos.

Segundo Colomer (2007, p.159-160): “A literatura também servirá para aprender a comunicar oralmente um texto: as obras são recitadas, são dramatizadas ou são lidas em voz alta para compartilhá-las com as demais. E também para memorizá-las e convertê-las em parte de nossas lembranças, ou seja, de nós mesmos.” A autora ainda ressalta a importância da leitura literária, uma vez que a mesma permite a “integração e conferência com outros tipos de aprendizados.” O aluno tende a aprender mais, pois a literatura é capaz de proporcionar a expansão de horizontes. Diante desse pressuposto, percebemos que o trabalho com a oralização em sala de aula é algo relevante e que a escola precisa criar estratégias para o desenvolvimento dessa prática. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 129):

A leitura oral dos folhetos de cordel, como já afirmamos, é indispensável. Portanto, a primeira e fundamental atividade deve ser a de ler em voz alta. E, se possível, realizar mais de uma leitura. Esta repetição ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entoações de modo adequado.

Para os autores, ler em voz alta deve ser uma das primeiras e fundamentais atividades em sala de aula. Por possuir uma estrutura organizada com base na musicalidade, é possível que o ritmo apresentado nos poemas de cordel facilite a compreensão dos conteúdos neles expostos. Segundo Silva; Souza (2006, p. 217): “A forma descontraída e ritmada é peculiaridade dessa vertente literária, que, na construção desses textos, contempla uma leitura simples do fato.”

Pensamos que a sala de aula é o lugar propício para descobrir todas as possibilidades de construção de sentidos provenientes do texto cordelístico, como: as vozes sociais que se apresentam nos mais variados temas. O cordel, como gênero literário não só contribui para despertar o gosto pela leitura mas também contribui para a formação intelectual do aluno, uma vez que possibilita o domínio de conteúdos diversos.

Cabe ao professor, a realização de um trabalho que permita os alunos dialogarem com a cultura local, apresentado as variantes regionais. Os alunos podem ser levados a refletirem sobre valores e conceitos construídos pelo povo brasileiro. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 128):

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa.

Os autores ainda orientam que o trabalho com o cordel deve contemplar não só a realidade local, mas também a realidade sociocultural. É importante favorecer a dialeticidade dos fatos educativos e sociais. É necessário um trabalho em que oportunize os alunos a conhecerem as experiências culturais que se apresentam nessas obras artísticas que são os folhetos de cordel.

Vale ressaltar que alguns poemas de cordel não apresentam sinais de pontuação o que pode também representar uma dificuldade para o incentivo à leitura e resistência em ler, principalmente no que se refere à poesia contemporânea. Por outro lado, o cordel possui um ótimo recurso que o diferencia de um texto em prosa ou mesmo de outras poesias, que é a musicalidade e o ritmo. As rimas sempre são atrativas aos ouvidos e podem dinamizar e enriquecer os momentos de leitura

O cordel, além de apresentar a musicalidade e o ritmo que podem ser atrativos e instigantes, ainda possui uma aproximação com acontecimentos do cotidiano que

talvez desperte o interesse e a curiosidade. Assim, pensamos que a literatura de cordel, por meio da experiência de leitura de diversificadas obras possa facilitar o aprendizado e possibilitar a percepção da beleza da cultura popular.

A leitura do cordel pode favorecer a percepção de alguns elementos importantes e indispensáveis à aprendizagem como os diferentes dialetos, diversidade da linguagem, ponto de vista do autor acerca de algum assunto. Diante disso, torna-se notória a importância da leitura oral para que o diálogo entre o aluno e o texto seja concretizado. De acordo com Marinho e Pinheiro 2012, (p. 129):

Trata-se de dar expressividade à leitura – encontrar o seu *páthos*, o núcleo afetivo da narrativa. Por exemplo, se a narrativa tem um tom humorístico a leitura deverá realçar esse traço; se apresenta um tom dramático, como a *Morte de Nanã*, de Patativa do Assaré, a leitura pedirá uma realização diversa, que valorizará os momentos fortes de dor, de desalento e até de revolta.

Os autores ainda evidenciam a importância da repetição da leitura em voz alta, para que a experiência leitora seja efetivada. O cordel é a representação viva das manifestações populares. É um gênero que através de variadas vozes e linguagens diversas, transmite expressividade. A prática de leitura em voz alta deve ser concedida ao aluno, pois enquanto permite ao leitor a escolha da entonação adequada conforme a situação apresentada no poema, ainda proporciona a interação verbal. Os alunos têm a oportunidade de trocarem ideias, opinar, concordar, discordar, contestar, enfim, a oralidade abre espaço para o discurso. Nesse sentido, Rangel (2005, p. 48) orienta:

O que se deve privilegiar na sala de aula, então, é o processo de interação verbal deflagrado por situações de leitura que permitam a identificação dos leitores, como interlocutores. A troca de opiniões entre os alunos instaura o espaço da discursividade que proporciona o confronto entre autor e leitores.

Assim, pensamos que a oralização dos folhetos de cordel, possa promover a ludicidade e ainda ser utilizada para possibilitar o letramento literário e desenvolvimento da formação leitora dos alunos. Os folhetos de cordel refletem as marcas de uma sociedade. Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 126), ao contemplar o trabalho com esse gênero em sala de aula, é atentar para o “envolvimento afetivo com a cultura popular”, para “a dialeticidade dos fatos educativos e sociais” e “oportunizar um encontro com a experiência cultural”.

Há nos versos escritos dos poemas de cordel, a utilização de vários recursos atrativos. Assim, contemplar a literatura de cordel na sala de aula é uma oportunidade de provocar uma reflexão crítica sobre a sociedade e os seus indivíduos através do

contato com a visão de mundo dos poetas e de forma atrativa, lúdica e prazerosa.

A literatura de cordel, pelas fortes marcas culturais que apresenta e pelos temas diversificados que aborda, tem a capacidade de instigar a argumentação ou tomada de posição, em sala de aula. Ela possibilita o diálogo, comparações, o estímulo às discussões e o confronto de pontos de vista diferentes.

Uma sugestão que também pode agregar bons resultados é a comparação de folhetos. Os alunos podem fazer comparações que lhe permitam diferentes visões. Segundo Resende (apud Marinho e Pinheiro 2012, p. 130): “O objetivo da comparação é estimular a discussão, o diálogo, o confronto de pontos de vista e chamar a atenção de que a literatura de cordel coloca na ordem do dia questões humanas fundamentais”.

Nesse sentido, é importante propor atividades que contemplem a oralização, pois dessa forma possivelmente estaremos oferecendo aos alunos uma oportunidade indispensável para a interação e para o diálogo com a sociedade. Vale ressaltar que o trabalho com o cordel em sala de aula deve ir além de da leitura em voz alta, pois deve possibilitar reflexões, discussões e posicionamentos críticos.

Percebemos que leitura oral é muito recomendada pelo fato de poder contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da capacidade de comunicação do aluno, levando-o ao protagonismo. Assim, para a realização de um trabalho com voltado para a oralização do gênero cordelístico na escola, é importante que as condições de produção desses textos sejam evidenciadas de maneira que corresponda às expectativas dos alunos. Nesse sentido, Marinho e Pinheiro (2012, p. 127) orientam:

Toda atividade de leitura deve ser antecedida de alguns cuidados. É sempre bom sondar o “horizonte de expectativa” de nossos leitores. De que gostam? Quais seus interesses mais imediatos? Como encaram experiências diferentes das suas? Que experiências culturais lhe são mais determinantes?

Para os autores, essas são questões que devem estar sempre evidentes para o professor, para que ele possa privilegiar textos que de alguma forma sejam significativos na vida desses leitores. Quando se propõe uma prática de leitura voltada às experiências, o processo de construção do leitor passa a possibilitar o reconhecimento de aspectos da vida que é fundamental para a compreensão da realidade apresentada nos textos lidos, seja através da linguagem ou dos argumentos.

Inserir o cordel na sala de aula é ter mais um recurso potente que possivelmente promova o desenvolvimento de outras habilidades como atribuir sentidos e construir conhecimentos, instigando os alunos a perceberem não só o que diz o texto, mas o que

há por trás desses escritos, bem como as vozes que abordam questões sociais, políticas, culturais, morais, religiosas e econômicas e assim, trazer benefícios para a vida dos alunos.

Por apresentarem características que contribuem para promover a ludicidade, os poemas de cordel tornam-se instrumentos capazes de provocar o encantamento por meio da musicalidade das rimas, que na oralização são percebidas de maneira rápida e ainda facilitam a memorização. Inúmeras temáticas dos folhetos que geralmente fazem referência à cultura nordestina, podem render interessantes discussões e assim ampliar o repertório dos alunos.

De acordo com o poeta Oliveira de Panelas, em sua obra *Vocação de cantador* (2016, p. 09), [...] “o cordel, mesmo sendo escrito e impresso para ser lido, costumava ser lido em voz alta e desfrutado por outros ouvintes além do leitor.” Dessa forma, torna-se evidente a importância da leitura oral não apenas para o promover o prazer de quem lê, mas também de quem escuta.

Pensamos que a expressividade presente nos textos de cordel, juntamente com combinação de sons (rimas) que dão ênfase à entonação e melhor compreensão, com suas variações linguísticas, possa influenciar no desenvolvimento da leitura, da fala, do diálogo, despertar a criticidade e ampliar a visão de mundo. De acordo com Monteiro (2008, p.103):

[...] justamente por refletir claramente a individualidade da língua, incluindo-se aí as variedades linguísticas fartamente encontradas no Nordeste brasileiro, a Literatura de Cordel nos fornece material à exaustão para a abordagem dos gêneros textuais em sala de aula. A Literatura de Cordel, nesta perspectiva, nos possibilita que em sala de aula, possamos trabalhar de uma maneira mais abrangente, como por exemplo, usar o poema de cordel na interpretação de textos, na construção de poemas de maneira crítica, na formulação de textos variados usando sempre outros textos para que possam fazer associações, intertextos e perceber as diferenças existentes entre os gêneros textuais.

Desse modo, percebemos a amplitude de vantagens que a literatura de cordel pode proporcionar ao aluno ao ser utilizada em sala de aula que parte desde a motivação e interesse em ler, como o desenvolvimento da criatividade e a construção de novos saberes. São inúmeras as possibilidades oferecidas pelo texto cordelístico, além de proporcionar o prazer estético, pois o trabalho com o cordel também possibilita trabalhar a interpretação, relacionar um poema com outros textos, etc. Há uma gama de possibilidades de adquirir conhecimentos com a leitura do cordel.

3.5 Cordel e Construção de Conhecimento

A literatura de cordel é um instrumento de suma importância para a educação, uma vez que através dela, existe a probabilidade de construção de conhecimentos, pois ela permite o diálogo com várias culturas. Os folhetos de cordel abordam várias temáticas que contemplam a interdisciplinaridade. Partindo da problematização das questões apresentadas em textos de cordel, o indivíduo tem a oportunidade de um posicionamento crítico acerca da sociedade e, assim, construir sentido. Um exemplo disso é o poema *Emigração e suas consequências*, de Patativa do Assaré, que embora não seja considerado um cordel e sim poesia matuta, mas que também tem semelhança com o cordel.

No poema citado torna-se perceptível um aspecto social, onde o autor não tematiza um drama particular, mas aborda ao próprio nordestino em seu destino de migrante, forçado pela escassez que é consequência histórica da seca. O tema da seca é central e também são abordados em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que são dois importantes clássicos da literatura.

O poema de Patativa sugere uma reflexão acerca da questão ambiental, que é associada às consequências sociais. O tema remete ao trabalho com questões relacionadas a mudanças climáticas, causa ambiental da seca no Nordeste brasileiro e até relação de mudança climática com características econômicas e sociais dessa região conforme podemos ver em Patativa do Assaré (2016, p. 51 – 54):

[...]
 Por força da natureza
 Sou poeta nordestino
 Porém só conto a pobreza
 Do meu mundo pequenino
 Eu não sei contar as glórias
 Nem também conto as vitórias
 Do herói com seu brasão
 Nem o mar com suas águas
 Só sei contar minhas mágoas
 E as mágoas do meu irmão
 [...]
 Sem a virtude da chuva
 O povo fica a vagar
 Como a formiga saúva
 Sem folha para cortar
 E com a dor que o consome
 Obrigado pela fome
 E a situação mesquinha

Vai um grupo flagelado
 Para atacar o mercado
 Da cidade mais vizinha

O poema apresentado, além de permitir o trabalho interdisciplinar envolvendo História e Geografia, permite uma comparação com o cordel de Leandro Gomes de Barros *A seca do Ceará*, onde a disciplina de Língua Portuguesa pode propor uma análise dos dois poemas, identificando a intertextualidade e observando as peculiaridades em cada um. O poema permite também a comparação das personagens, identificando em qual dos textos eles tem tons mais dramáticos. De acordo com Silva e Arcanjo (2012, p. 2): “[...] o trabalho com a Literatura de Cordel, no contexto escolar, é extremamente valioso, na medida em que leva para os bancos escolares temas pertinentes que estão diretamente associados à formação dos discentes e associados à coletividade [...].”

Dessa forma, podemos notar que a literatura de cordel é capaz de propiciar a interação com as adversidades, reconhecendo a importância destas e valorizando identidades que se formaram a partir de vínculos de diferentes grupos sociais, por isso o gênero cordelístico passa a ser uma fonte inesgotável de conhecimentos.

No poema *A seca do Ceará*, de Leandro Gomes de Barros (Apud RIBEIRO, 2002, p.230-232), são criticadas algumas questões sociais referentes ao desvio de verbas que seria para amenizar a situação provocada pela estiagem e no entanto essa verba não chega:

Alguém no Rio de Janeiro
 Deu dinheiro e remeteu
 Porém não sei o que houve
 Que cá não apareceu
 O dinheiro é tão sabido
 Que quis ficar escondido
 Nos cofres dos potentados
 Ignora-se esse meio
 Eu penso que ele achou feio
 Os bolsos dos flagelados.

Desse modo, percebemos o quão ampla é a possibilidade de construção de conhecimentos através da literatura de cordel em sala de aula. Essa literatura, considerada patrimônio histórico e cultural no Brasil e especialmente no Nordeste, pode ser um recurso muito significativo para ser adotado em sala de aula, pois, além de ser capaz de proporcionar o prazer estético, (aquele que o leitor constrói por si através da leitura), o cordel é um gênero do discurso que também pode contribuir na formação do aluno, pois oferece inúmeras possibilidades de aprendizagens de diversos

conteúdos, tendo em vista a repercussão da cultura popular na sociedade.

O cordel pode proporcionar, além de uma leitura prazerosa, conhecimentos diversos e interdisciplinares, por oferecer uma visão de mundo imensurável, fortalecer os traços identitários, por apresentar fortes experiências culturais. Vários assuntos podem ser abordados em um texto cordelístico. Com a leitura de cordéis, os alunos podem aprender sobre variedades regionais, tanto da linguagem como de outros costumes. Para que a leitura seja significativa, é necessário uma organização antecipada. Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 129):

É indispensável que o professor prepare bem a leitura do folheto, tendo em vista que as gerações mais jovens podem não ter convivência com a literatura de cordel. Dada a temática de cada narrativa, muitas atividades podem ser feitas com ou a partir dos folhetos.

Os autores acima citados fazem entender a importância em adotar procedimentos metodológicos para trabalhar com o texto cordelístico em sala de aula e orientam utilizar esse gênero favorecendo o diálogo com a cultura local, porém, faz-se necessário que qualquer atividade deve ser organizada e planejada com antecedência.

A literatura de cordel contribui para uma aprendizagem significativa por favorecer a assimilação de vários e diferentes conteúdos. As rimas, a métrica e o ritmo compassado do poema são recursos que além de despertar interesse e prazer, facilitam a memorização e podem até despertar a capacidade de criação dos alunos.

É importante ressaltar que para um trabalho significativo com o gênero cordelístico em sala de aula, não devemos priorizar apenas a poesia contemporânea, a leitura de cordéis já consagrados é de grande relevância, pelo fato do teto cordelístico contribuir para resgatar memórias e fatos históricos que devem ser preservados. Nesse sentido, Cosson (2007, p. 35) chama a atenção para os critérios que devem nortear as escolhas do professor. Segundo ele, “para seleção dos textos literários para a sala de aula, deve-se considerar o cânone, que na sua concepção, são as obras valorizadas como capital e herança cultural e não somente textos atuais, contemporâneos”.

O trabalho com o cordel em sala de aula tem muito mais para oferecer do que simplesmente o ensino de análise linguística, pois ao mesmo tempo que serve para ensinar gramática, esse gênero possibilita o desenvolvimento cultural e intelectual do leitor e ainda possibilita a quebra de alguns paradigmas. Se o professor fizer uso do gênero cordelístico sabendo explorar tudo que ele tem de significativo, estará oportunizando ao aluno a liberdade dele pensar e de expressar-se. Assim, Silva (2014,

p. 23) diz que:

Ao ler, o aluno poderia relaxar... músculos... postura...raciocínio. Poderia abandonar a lógica a lógica e a linearidade impostas pela escola ao modo de pensar e conhecer. [...], poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe para ouvir a si mesmo e aí acreditar que também sabe e que também pode...er... parar de ler...discordar...não gostar...misturar...imaginar e sonhar. [...], sair do anonimato, da situação de massa a que fica submetido na escola, para recuperar o pessoal e nele o coletivo. Abandonar a condição de aluno [...] para existir como pessoa e como leitor. Sair do compromisso, da obrigação, da ‘atividade’, escapando assim ao controle, à avaliação e a autoridade.

Para levar o cordel ao cotidiano escolar, faz-se necessário ter em vista o que o valor estético desse gênero, ludicidade e marcas da cultura popular são capazes de proporcionar aos estudantes. Não se deve propor a leitura do cordel impondo condições. É preciso que os alunos se sintam atraídos e não presos a uma obrigação, uma vez que o compromisso e o autoritarismo não favorecem liberdade. Faz-se necessário formar leitores autônomos, que não vejam a leitura apenas como fonte de informação que talvez se torne cansativa.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012, 126), “[...] qualquer sugestão metodológica no campo com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular.” Para os autores, a literatura de cordel não deve ser utilizada apenas com o objetivo de informar, mas como um recurso que oportuniza o diálogo do leitor com a cultura local.

A literatura é transformadora; quando a utilizarmos na sala de aula, ela se transforma em importante instrumento de formação, já que o enredo da obra literária é construído a partir de “profundos conteúdos humanos”, o que permite ao leitor a possibilidade de reflexão sobre assuntos importantes para o seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Nesse sentido, Azevedo (2004, p.41) reforça:

As paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”, a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações) as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos.

A intertextualidade do cordel com outros textos e a sua relação com o homem

e com a história, talvez permitam a conectividade do aluno com sua cultura e com outras culturas. Assim, é importante um trabalho que provoque no aluno a reflexão e promova a criticidade diante desse tipo de texto. De acordo com Cosson (2014, p.120):

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário.

É de grande relevância que a escola e os professores ofereçam aos alunos uma educação libertadora, possibilitando-lhes a construção de conhecimentos e o desenvolvimento da autonomia. Para isso, o educador precisa criar condições para que possibilite aos alunos criarem o hábito de leitura por prazer, desenvolverem o pensamento crítico, identificarem alguns traços de identidade nos textos lidos, construírem conhecimentos que sirvam para sua atuação na sociedade.

O cordel, gênero poético enraizado na cultura brasileira com profundidade, é tido como um dos elementos mais potentes da cultura nordestina, pois traz temas diversos, apresenta uma variação de assuntos na sua composição como religiosidade, política, problemas sociais, humor, etc., e ainda utiliza a linguagem coloquial, popular que facilita a memorização.

A expressividade apresentada nos poemas de cordel e a sua estrutura constituída por meio de estrofes, versos e rimas, por sugerir movimentação e musicalidade, por ter condições de instigar a imaginação e criticidade, possibilita o incentivo à leitura numa perspectiva discursiva, visto que surge, especialmente, como possibilidade de uma maior valorização aos usos das variedades linguísticas. Melo (1982, p. 9) destaca os motivos pelos quais a poesia de cordel merece atenção na escola quando diz:

Essas criações artísticas de ordem popular, pelo imprevisto da imaginação, pela delicadeza da sensibilidade, pelo poder de observação, pela força de expressão, pela instituição poética, pelo arrojo das imagens, pelo sentido de crítica, de protesto e de luta social que muitas vezes apresenta, estão a exigir a atenção [...]

Dessa forma, a autora nos faz refletir a importância da poesia de cordel na escola. Esse gênero poético com suas raízes fincadas na cultura brasileira merece atenção por parte dos professores quando estes forem propor atividades com leitura,

pois de maneira sensível, promove a aproximação com diferentes culturas, enfocando a cultura nordestina em favor da valorização de nossas raízes.

4 CADERNO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM LEITURA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A presente proposta de intervenção parte da curiosidade e de alguns registros no âmbito da leitura com base nos referenciais teóricos consultados. Essa ação interventiva consiste em um conjunto de atividades motivadoras da leitura do gênero cordel em sala de aula e objetiva contribuir com o letramento literário, sem perder de vista a construção de sentidos e a fruição.

Dessa forma, além de práticas leitoras relacionadas ao prazer estético, serão priorizadas leituras críticas para o desenvolvimento de aprendizagens diversas. Serão propostas algumas reflexões e estratégias de práticas de leituras críticas do gênero cordel, que permitam aos alunos reconhecerem no cordel aspectos da memória e da identidade regional.

A perspectiva crítica será privilegiada em função do estudo realizado quanto às dimensões ensináveis a partir do cordel. Tais dimensões possibilitam o reconhecimento de que o gênero cordelístico, com seus temas relevantes para a sociedade, com a fantasia presente nas narrativas, com sua natureza poética capaz de despertar encantamento e também pelo fato de estarem situados social e historicamente, talvez seja capaz de proporcionar não apenas a fruição que já seria plausível, mas também a construção de sentido.

O conjunto de atividades pedagógicas será norteado pelas sugestões de Cosson (2006, 2014), Colomer (2007), Marinho e Pinheiro (2012), Viana, (2010), que abordam a importância da leitura literária em sala de aula e especialmente os dois últimos que orientam a literatura de cordel como recurso pedagógico com inovador que pode provocar reflexões didáticas acerca da construção de conhecimentos que levem o aluno a ter uma visão do mundo e da pluralidade cultural.

Assim, entra em cena o poeta Leandro Gomes de Barros e sua obra *O cachorro dos Mortos*, através da qual esperamos promover a interação e despertar o prazer de ler dos alunos, pois esta obra possui uma narrativa que desperta curiosidade, provoca suspense, mistério, sendo capaz de instigar a imaginação. O *Cachorro do Mortos* tem uma estrutura constituída de sextilhas que segundo Viana (2010, p. 35), é a “principal modalidade do cordel”.

A sextilha, constituída de seis versos, na qual os versos pares (segundo, quarto e sexto) rimam entre si, oferecendo uma certa musicalidade a quem o escuta. As

atividades com o gênero cordel serão mediadas numa perspectiva voltada mais à oralização, no que se refere à leitura oral, interpretação, dramatizações, desafios, discussões coletivas, posicionamentos críticos, não descartando a escrita em alguns momentos, quando se fizer necessário.

As sugestões de atividades com o cordel *O cachorro dos Mortos*, de Leandro Gomes de Barros, darão ênfase ao reconhecimento do horizonte temático determinado pela presença do poder, orgulho ferido, paixão doentia, crime, vingança, traição, justiça, fidelidade: gerando uma espécie de mito, verdade, amor (relação afetiva dos animais com humanos), superstições: poder espiritual do cachorro, violência contra a mulher.

Por se tratar de um gênero de cunho popular, o cordel possibilita o contato com uma legítima expressão da cultura popular brasileira. No que se refere a da obra selecionada, pensamos na possibilidade de reflexão que esta pode proporcionar sobre a identidade nordestina. É possível que a reunião de elementos sobrenaturais e ao mesmo tempo corriqueiros e universais, como os fatos e os sentimentos, possibilitem despertar a curiosidade dos alunos.

As crenças no milagre, a construção da capela no local dos crimes, fazem refletir sobre a identidade, sobre a imagem do povo nordestino e sertanejo, crente, pois ainda vivemos cercados de histórias de credices. A presença do milagre é um elemento sobrenatural muito presente na poesia popular capaz de despertar a curiosidade num clima de suspense, mistério.

O que chama a atenção também para os traços de identidade é a imagem fragilizada da mulher, um ser dócil, sem direito a escolhas. Vale salientar que o cordel abordado foi escrito no século XIX e que apesar de hoje a imagem feminina é vista de forma diferente, porém prevalece ainda o maltrato e violência às mulheres. O feminicídio ainda está bem vivo no nosso meio.

Na obra selecionada para a proposta, há diversas possibilidades de comparações que podem ser feitas com a atualidade, como a perseguição, o assédio e a violência à mulher, o poder que ainda hoje perpetua em nosso meio, os que se acham mais poderosos sempre querem se dar bem e acham que podem tudo. Há também a questão do crime por vingança, o que ainda acontece nos dias atuais. Ainda hoje se discute a relação afetiva do cão com o homem.

Também serão propostas questões que tratarão da estrutura do cordel, número de sílabas estrofes, versos e sílabas métricas. O poema é composto por 155 estrofes,

cada estrofe composta por seis versos, se caracterizando como sextilhas onde apenas a última estrofe é constituída por sete versos formando uma septilha.

Ainda na última estrofe do cordel *O cachorro dos mortos*, Barros (1976, p.40) usa um acróstico, com seu primeiro nome para afirmar que sua narrativa é verdadeira: para dar mais credibilidade à sua afirmação, argumenta que escreveu sobre um fato realmente ocorrido, em um lugar preciso, determinado – a Bahia o poeta, embora não se refira a isso explicitamente, parece ter retirado os elementos que compõem a história da tradição oral.

4.1 Sobre a obra

O Cachorro dos Mortos é considerado um dos maiores clássicos da Literatura de Cordel. A narrativa fala sobre uma família humilde e honesta composta por cinco pessoas que no ano de 1806 residia na província da Bahia. O chefe da família era ferreiro e seu nome era Sebastião de Oliveira. Sebastião era pai de três filhos, um que era um rapaz esforçado que estudou e conseguiu se formar em advocacia e duas moças encantadoras, que no pensamento do filho de Eliziário Amorim, um rapaz rico e metido a conquistador, iria conseguir o coração de uma das donzelas, provavelmente a custa do dinheiro e bens que possuía. Porém, isso não aconteceu e poderoso ricaço foi rejeitado.

Assim, o maldoso rapaz, para se vingar das moças, armou uma cilada contra o filho de Sebastião e tirou-lhe a vida. As moças ao desconfiar do acontecido, foram procurar o irmão e terminaram sendo mortas pelo mesmo assassino do advogado. O que o rapaz cruel não sabia era da fidelidade de Calar, o cão que era adotado pelo ferreiro Sebastião. Calar, nunca mediu esforços para desvendar os crimes e colocar o assassino na cadeia mesmo sem poder falar.

Assim, o cachorro enfrentou o desafio de perseguir o filho do fazendeiro Eliziário, que até então se fazia compadecido da situação. Ninguém desconfiava, até o encontro de Calar com o réu, que com gestos e olhar acusador, conseguiu fazer com que as autoridades que estavam tomando conta desse caso, desconfiassem.

Calar consegue colocar ao assassino atrás das grades e todos se comovem com a ação do cão fiel a seu dono e passam a admirá-lo cada vez mais. E assim se deu o romance, que reflete em uma intriga amorosa. Uma narrativa que transmite emoção e que mesmo tendo acontecido no século XIX, é capaz de refletir a realidade, pelo fato de abordar a história de um crime possivelmente sem solução, devido a paixão doentia.

4.2 Sobre o autor

Autor de muitos cordéis, entre eles *O cachorro dos mortos*, Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano é considerado o pai da literatura de cordel.

Segundo Viana (2010, p. 79):

Leandro Gomes de Barros nasceu na fazenda Melancia, em Pombal -PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife-PE, no dia da 04 de março de 1918, segundo alguns pesquisadores, vitimado pela Influenza espanhola. Rera filhos de José Gomes de Barros Lima e d edona Adelaide Xavier de Farias, irmã do padre Vicente Xavier de Farias, que ajudou a criá-lo.

Segundo o autor (2010, p. 79), o poeta chegou a fugir de casa quando ainda era adolcente, pois o padre lhe maltratava. Assim, após os 15 anos , mudou-se para Pernambuco, tendo se casado por lá e construído sua família.

Os folhetos escritos por Leandro repercutiu muito e teve grande aceitação por parte das pessoas. Dentre as obras de Leandro Gomes de Barros, segundo Viana (2010, p. 80) temos:

“História Donzela Teodora, Juvenal e o Dragão, História de Pedro Cem, A Vida e o Testamento de Cancão de Fogo, Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, A Força do AmorAlonso e Marina, Antônio Silvino, O Rei dos Cangaceiros e O Boi Misterioso”.

Viana (2010, p.81): “[...] a morte de Leandro também é envolta em lendas e controvérsias. Há pelo menos quatro versões para esse fato.” Segundo o autor, há quem diga que ele morreu com a gripe influenza, outros alegam que sua morte se deu devido uma enfermidade que tinha há mais de uma década e ainda, uma terceira possibilidade é que ele tenha sido vítima de um aneurisma. Leandro Gomes de Barros faleceu em Recife-PE no dia no dia 04 de março de 1918, quando tinha apenas 52 anos.

4.3 Dimensões e Possibilidades da Leitura do Cordel

O estudo nos fez reconhecer as dimensões e possibilidades que a literatura de cordel (com base na leitura do cordel: de folhetos ou romances) pode proporcionar, desde o prazer estético, até o desenvolvimento de diversas habilidades e aprendizagens. Múltiplas. Contudo, sob perspectiva do letramento literário, com ênfase na leitura do cordel *O cachorro dos Mortos* de Leandro Gomes de Barros, elaboramos uma sequência de atividades com o intuito de conduzir os alunos do 6º ano do Ensino

Fundamental à leitura e à apreciação do gênero, à fruição e também à construção de sentido.

A proposta de leitura do cordel *O cachorro dos mortos* visa abrir espaço para que o aluno sinta vontade de ler, dialogue com os textos, reflita, identifique-se em algum verso, discuta, compare, critique, assuma a condição de protagonista e seja capaz de emitir opinião com consciência.

Quando pensamos em inserir o letramento literário na sala de aula, pensamos numa proposta que vise atender demandas atuais, no que diz respeito a formação de leitores, propomos um trabalho com uma prática de leitura, que não seja enfadonha mas, prazerosa, que desperte o interesse e curiosidade e assim se torne também ferramenta de aprendizagem que promova condições necessárias ao exercício da cidadania.

O cachorro dos mortos é constituído por sextilhas, e essa modalidade provavelmente seja um atrativo para leitores, pois, para Souza e Feba (2012, p. 52), a sonoridade dos versos é um atrativo para crianças e, o fato das sextilhas serem estrofes constituídas por seis versos, facilita o acesso e a leitura por parte dos alunos e professores. Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 64), “Uma hipótese testada e que apresenta bons resultados em sala de aula é a leitura de sextilha [...]”.

Considerando a proposta a ser realizada, é possível o reconhecimento de que a abordagem do gênero cordel como proposta para práticas de letramento na sala de aula, comunga com a concepção de Marinho e Pinheiro (2012, p. 11- 12)) quando orientam:

Acreditamos que a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-la como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos.

Dessa forma, entendemos que a literatura de cordel oferece inúmeras possibilidades para explorá-la de forma que contribua para o enriquecimento intelectual, além do uso apenas para ensinar conteúdos isolados. Ler folhetos só para aprender identificar as regiões brasileiras, conhecer a formação do povo brasileiro, ou aprender regras gramaticais, é desperdiçar a oportunidade de interpretar, atribuir

sentido, viajar na imaginação, expressar opiniões, identificar-se com alguns personagens de narrativas diversas e assim construir conhecimentos que não sejam restritos aos conteúdos propostos pelo currículo.

4.4 O que diz a BNCC sobre o Texto Literário

Segundo a BNCC (2017, p. 136), a mudança do alunos dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, ocasiona uma necessidade de maior comunicação e interação. Nessa fase “ o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo, inclusive no contexto escolar,” assim, a mudança não só implica na construção de novos conhecimentos por disciplinas isoladas, nessa fase o aluno precisa fazer a junção de saberes e continuar desenvolvendo a autonomia.

A BNCC (2017, p. 138) propõe o trabalho com a literatura, reconhecendo nela a possibilidade para a fruição, auto-reconhecimento e construção de sentido quando diz:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.

A Base Nacional Comum Curricular ainda ressalta a importância do texto literário no processo de formação leitora, no campo artístico-literário, pondo em destaque a contribuição que a literatura pode oferecer ao leitor no sentido de levar o aluno a ter várias percepções de mundo. Nesse sentido, a BNCC (2017, p. 87) orienta:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico- culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Dessa forma, é importante ressaltar que buscamos também orientações nesse documento oficial e que contemplamos algumas habilidades da área de linguagens

para nortear o conjunto de atividades que propomos com a leitura do cordel. De acordo com a BNCC (2017, p. 157- 159) contemplando as seguintes habilidades:

EF69LP48: Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

EF69LP44: Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2018, p. 145-157).

O conjunto de atividades pedagógicas também se baseia em alguns objetivos de aprendizagem da área de linguagens para o 6º ano do Ensino Fundamental, orientados pela Proposta Curricular da Paraíba (2018, p. 105.): “Saber portar-se nas interações orais na sala de aula e na vida social, questionando, argumentando, construindo pontos de vista, e respeitando as sintensões e os turnos de cada interlocutor.”; “Ler em voz alta textos literários.”; “Ler, compreender e interpretar textos literários, narrativos, poéticos e semióticos para formação do leitor crítico.”

O documento (2018, p. 104) ainda orienta: “Ler textos literários diversos, individualmente ou de forma compartilhada, a partir de uma fala expressiva e fluente, e participar de dramatizações, considerando a importância da entonação, expressividade, postura corporal etc.” Dessa forma, essas direções conduzirão a proposta de intervenção que será apresentada sob a forma de um Caderno Pedagógico, orientando as diferentes etapas do processo de leitura, atribuindo ao texto cordelístico, esse valioso instrumento de interação, o poder de formar e transformar, de modo que o aluno ao ser conduzido a ressignificação.

Assim, o Caderno de Atividades Pedagógicas será organizado com sugestões metodológicas para professores, distribuídas em uma sequência de atividades, que serão distribuídas em sete momentos diferentes como: 1º momento: Motivando a turma, 2º momento: Apresentando o cordel, 3º momento: Leitura coletiva, 4º momento: Interpretando o cordel através do jogo dramático, 5º momento: Debatendo ou discutindo o cordel, 6º momento: Compreendendo a estrutura composicional do cordel e 7º momento: Feira do cordel. Todos os momentos estão acompanhados de orientações, informações e sugestões de links para estudo e aprofundamento sobre o gênero cordel.

4.5 Teorias e Reflexões

Em primeiro lugar, tomamos por base Cosson (2014), que orienta o trabalho com a sequência básica por meio de quatro passos: “motivação, introdução, leitura e interpretação”. Esses passos visam promover o amadurecimento e a capacidade de reflexão e crítica por parte do aluno.

Marinho e Pinheiro (2012, p. 129), orienta que “Se os alunos tiverem familiaridade com a literatura de cordel, o professor deve estimular para que falem de suas experiências, de suas leituras, de histórias que saibam de cor.”

Dessa forma, sugerimos para o 1º momento a motivação que segundo Cosson, (2012, p.55) é: “É o núcleo de preparação do aluno para entrar no texto (encontro leitor e obra sem silenciá-los). A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais da construção da motivação.”

Para o 2º momento a sugestão é que seja realizada a apresentação da obra, o que Cosson (2012, p.60) caracteriza como introdução:

(...) momento de apresentação do autor e da obra. No entanto, essa biografia deve ser breve, pois entre outros contextos ela é uma das que acompanham o texto. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto.

O 3º momento é o da leitura, um dos mais importantes, embora todas as etapas orientadas por Cosson, são indispensáveis. Porém, essa é a principal etapa para o letramento literário, segundo o autor (2012, p. 62) que diz:

Etapa essencial da proposta de letramento literário, o acompanhamento da leitura (diagnóstico). A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista.

Sugerimos também para esta etapa, que sejam adotados os Círculos de Leitura que são excelentes práticas a serem desenvolvidas pois estimula a percepção, da dimensão estética da literatura, ao favorecer uma relação de afetividade com o texto literário e o ato de ler. Cosson (2009) discorre desse recurso quando diz que possivelmente o ato de ler seja solitário, mas no fundo é também um ato solidário. Acerca dessa concepção, percebemos que mesmo que seja proposta uma leitura individual, ela vai sempre possibilitar ao leitor a conexão com outras experiências. Entendemos, que a metodologia acima citada, é de grande relevância para estimular a

leitura coletiva e pode conferir à leitura um caráter social. Dessa forma, recorremos a ela com o intuito de contribuir para a formação de uma comunidade leitora.

Sobre os Círculos de Leitura, Cosson (2009) ainda explica que:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Percebemos que apesar da leitura individual ser essencial, a leitura coletiva é imprescindível pois contribui de forma significativa para o conhecimento. Através da socialização de ideias, o leitor tem a oportunidade de compartilhar diferentes experiências e desenvolver novas competências. Colomer (2007, p. 143) orienta:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Dessa forma, torna-se evidente a importância que a autora apresenta sobre a leitura coletiva. Ela ainda alerta sobre o fato dos alunos resistirem em ler e atribui isso (p. 143) à “perda das formas de leitura coletivas nas sociedades contemporâneas.” Contudo, devido à importância atribuída à essa estratégia metodológica, achamos por bem priorizá-la na nossa proposta de intervenção. Para o processo de leitura sugerimos também que o professor atue como mediador. Na concepção de Barbosa (2011, p. 156) temos:

Atuar como mediador no processo de aquisição de habilidades de leitura, inclusive do texto literário, é papel central do professor. Organizar o espaço da sala de aula, propor objetivos de leitura, fazer perguntas que facilitem o processo interpretativo, são formas de atuar positivamente nesse processo.

Orientamos também que a leitura oral seja privilegiada, tomando como base as concepções de Marinho e Pinheiro (2012, p.129), quando dizem que: “A leitura oral dos folhetos de cordel, [...], é atividade indispensável.” Os autores também orientam que a leitura aconteça nesse primeiro momento sem necessidade de qualquer outro tipo de atividade ou questionamento. Segundo eles, (p.127): “E ler em si, mesmo sem fazer nada a partir disto, já é grande coisa.” Na concepção dos autores, (2012, p. 129) que a leitura seja “em voz alta” e se possível, repetida. Para eles, “Esta repetição ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar

as entoações de modo adequado”

Vale ressaltar a importância de alguns cuidados que devem anteceder as atividades de leitura. Marinho e Pinheiro (2012, p. 127) recomendam que: ‘É sempre bom sondar o “horizonte de expectativas” dos nossos leitores’ (p.127). Essa sondagem, se dá por meios de questionamentos como já foi exposto anteriormente.

Cosson (2012, p. 62) propõe “intervalos de leitura”, no caso de leituras extensas. Esses intervalos devem ser intercalados por momentos de reflexão e conversação. Segundo o autor, (p. 64), o intervalo é o momento propício para observar dificuldade(s) específica(s) de algum(ns) aluno(s), sendo essa ação o início de interferência efetiva na formação leitora.

Arievaldo Viana (2010, p.57) também orienta a leitura coletiva quando afirma:

É uma das melhores maneiras de estudar o texto e desperta o interesse de toda a classe. Cada aluno lê uma estrofe em voz alta e todos acompanham a leitura. É importante obedecer à cadência da métrica, para valorizar o texto e facilitar a sua memorização. A leitura deve ser feita mais de uma vez, e o texto deve ser analisado e discutido por toda a classe, para que haja melhor aproveitamento.

Pautados ainda nas concepções de Cosson (2012, p. 64), sugerimos para o 4º momento a interpretação, que segundo o autor:

[...] envolve práticas e postulados numerosos e impossíveis de serem conciliados, pois toda reflexão literária traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários.

Cosson, (2012, p. 66) ainda explica como se dá o processo de interpretação quando diz:

Essas interpretações acontecem em dois momentos: um interior (que passa pela decifração/pelo íntimo, por meio da história de leitor do aluno, das relações familiares e tudo que constitui o contexto de leitura) e o outro exterior (quando ocorre a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade, por meio compartilhamento da interpretação com os colegas e professor).

O jogo dramático também entra em discussão, para ser trabalhado na interpretação pois segundo Ryngaert (apud Marinho e Pinheiro, 2012, p. 130-131):

Uma atividade agradável e que recupera a capacidade da criança e do jovem de fantasiar, de recriar a realidade, é a realização de *jogo dramático*.” [...] À dimensão lúdica e prazerosa do jogo articula-se a descoberta das virtualidades individuais e grupais – capacidade de inventar, de descobrir, de experimentar qualquer aventura sem os riscos da realidade. De um ponto de vista estritamente prático, “O jogo

dramático não necessita de cenários, trajes ou adereços no sentido tradicional. A construção do espaço de jogo faz-se a partir do espaço escolar e do mobiliário corrente chamados a novas funções”.

O trabalho em equipe além de ser importante para a interação, contribui para o desenvolvimento daqueles alunos que apresentam maiores dificuldades nas diversas atividades de leitura, seja pela timidez ou por outras dificuldades. O pensador e pesquisador Arievaldo Viana (2010, p. 58), faz jus ao trabalho em equipe quando orienta:

Trabalhando em equipe, pode-se distribuir as falas de todos os personagens do folheto em os seus vários componentes. Quem vai puxar o fio condutor é a figura do NARRADOR (que pode ser o próprio professor), criando uma melhor interação entre o grupo.

Outra metodologia posta como sugestão para o 5º momento é o debate, pois compreendemos que seja uma estratégia importante a formação educacional. É possível que o debate além de contribuir para desenvolver o pensamento crítico ainda favorece a prática da oralização. Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 130): “Qualquer que seja o método de abordagem do texto literário, o *debate* em algum momento deverá ser sempre privilegiado.” Viana (2010, p. 58) também orienta o trabalho com o debate quando diz: “Sugerimos também a realização de debates, em torno de 1 folhetos ‘polêmicos’, levando-se em consideração a época em que foram escritos e os valores vigentes na sociedade daquele tempo.”

É importante que o aluno ao realizar a leitura de um gênero e se envolver com este gênero, conheça a sua estrutura composicional, origem, um pouco da sua história. Vale ressaltar que para esse momento de estudo da composição poética e origem do cordel, sugerimos que sejam postas em prática algumas atividades lúdicas como jogo de roleta, ou ainda leitura cantada que orientamos que seja no ritmo de Ciranda cirandinha ou em ritmo criado pelos alunos. Marinho e Pinheiro (2012, p. 132) orientam que:

Os cordéis podem ser cantados. Eis um fato que talvez seja instrumento de vivências agradáveis em sala de aula. Cantar com toda a turma uma canção, cantar em pequenos grupos, sugerir que os próprios alunos criem música para as histórias é um bom começo de conversa.

Para o 7º momento, propomos que os alunos sejam motivados a realizarem um Feira de Literatura de Cordel envolvendo toda a comunidade escolar, onde eles sintam-se responsáveis, tenham autonomia e sejam protagonistas, só instiga mais a

criatividade e proporciona momentos de prazer e descontração. Contudo, para Marinho e Pinheiro (2012), esse atividade pode ser realizada fora da escola e do horário do expediente normal. Nesse sentido, os autores, (p. 132) orientam: “A Feira pode ser realizada em uma tarde, uma manhã, durante um dia; por exemplo, ser uma atividade específica, mas também figurar dentro de uma semana cultural, artística etc.”

4.6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO PEDAGÓGICO



Capa do caderno

Caderno Pedagógico



Ilustração:
<https://i.pinimg.com/564x/08/b7/2c/08b72c899ee8929f7f6b855515e67c70.jpg>

PROFLETRAS 2021

Cordel, leitura e possibilidades

Passo a passo, verso a verso

Maria Aparecida de Sousa Cardoso

Orientador: Elri Bandeira de Sousa

Sumário



1º momento: Motivando a turma	06
2º momento: Apresentando o cordel	09
3º momento: Leitura coletiva	13
4º momento: Interpretando o cordel através do jogo dramático	15
5º momento: Debatendo e discutindo	18
6º momento: Compreendendo a estrutura composicional do cordel	21
7º momento: Feira do cordel	28



Ilustração: Canva

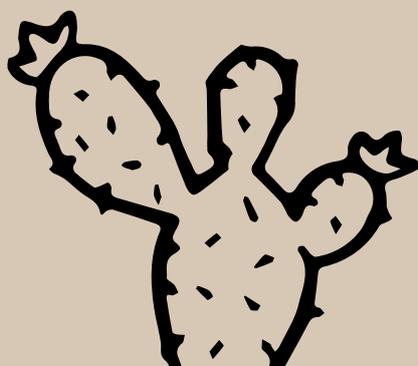


Caro (a) professor (a),

O caderno de atividades pedagógicas em leitura para o 6º ano do ensino fundamental abaixo foi produzido com o objetivo de promover a experiência da leitura literária, especificamente de folhetos de cordel, propondo uma série de sugestões de atividades com cordel, onde a natureza poética desse gênero seja melhor aproveitada, tanto para provocar encantamento, quanto para construção de sentidos e não seja visto apenas do ponto de vista pragmático.

Sendo assim, a sequência de atividades a seguir privilegia a leitura oral, contudo não é uma receita pronta, são apenas orientações que não são obrigadas a serem seguidas rigorosamente, permitindo aos professores a autonomia para desenvolvê-las conforme a sua realidade.

Vale ressaltar que as sugestões surgiram com base nas orientações de alguns teóricos como Cosson (2006, 2009 e 2014), Colomer (2007), Marinho e Pinheiro (2012), Viana, (2010) e a Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019). Tais autores abordam a importância da leitura literária em sala de aula sendo que os dois últimos contemplam a literatura de cordel como recurso pedagógico com inovação que pode provocar reflexões didáticas acerca da construção de conhecimentos, que levem os alunos a terem diferentes visões de mundo. Os documentos oficiais Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2018) e BNCC (2017) também serviram de suporte para a elaboração das atividades.



Objetivos de aprendizagem

1º MOMENTO:

Despertar o interesse e o gosto pela leitura de folhetos de cordel.

2º MOMENTO:

Apreciar e valorizar o texto de cordel como manifestação popular.

Desenvolver práticas de leitura espontânea do gênero cordelístico.

3º MOMENTO:

Ler em voz alta textos literários.

4º MOMENTO:

Ler, compreender e interpretar textos literários, narrativos, poéticos e semióticos para formação do leitor crítico.

Ler, compreender, interpretar textos literários de autores paraibanos.

Representar cenas ou textos dramáticos.

Instigar a imaginação e desenvolver a criatividade.

Desenvolver o pensamento crítico

Inferir sentido ao texto lido.

5º MOMENTO:

Saber portar-se nas interações orais na sala de aula e na vida social, questionando, argumentando, construindo pontos de vista, e respeitando as intenções e os turnos de fala de cada interlocutor.

6º MOMENTO:

Reconhecer os contextos de produção e de recepção textual.

Familiarizar-se com os elementos básicos da estrutura composicional do cordel.

7º MOMENTO:

Elevar a autoestima;

Promover o exercício do protagonismo.

O cordel selecionado para o desenvolvimento das atividades é “O Cachorro dos mortos” de Leandro Gomes de Barros. O cordel “O cachorro dos Mortos” foi sugerido pelo fato de ser uma narrativa capaz de instigar a curiosidade pelo seu horizonte temático determinado pela presença de suspense, poder, orgulho ferido, paixão doentia, crime, vingança, traição, justiça, fidelidade: gerando uma espécie de mito, verdade, amor (relação afetiva dos animais com humanos), superstições: poder espiritual do cachorro, violência contra a mulher, levasse a crer que provoque reflexões e conduza o aluno a criticidade e construção de conhecimentos.



ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas ou privadas. Ela é referência obrigatória para a elaboração dos currículos e propostas pedagógicas para o ensino infantil, fundamental e médio. No entanto, as duas habilidades a seguir foram selecionadas por orientarem o trabalho com o texto literário e poético.

HABILIDADES DA BNCC

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

EF69LP44: Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Todos os momentos estão acompanhados de orientações, informações e sugestões de links para estudo e aprofundamento sobre o gênero cordel.

Bom trabalho!



1º MOMENTO

Motivando a turma

Professor(a),

Sugerimos que esse 1º momento seja realizado em uma aula e através da oralidade.

Prepare com antecedência alguns questionamentos.

Inicie o encontro problematizando, realizando as perguntas aos alunos.

SUGESTÕES DE QUESTIONAMENTOS:

1. Você gosta de poesia?
2. Na sua concepção, o que é poesia?
3. Já ouviu falar em cordel? Onde? Por quem?
4. Na sua casa alguém já falou em cordel, ou pelo menos recitou ou leu alguma poesia?

5. Se você conhece algum cordel, cite-o, ou recite algum verso ou estrofe.
6. O que mais lhe chamou atenção no cordel ou poesia que você ouviu?
7. Você já ouviu alguém contar a história “O cachorro dos mortos”?

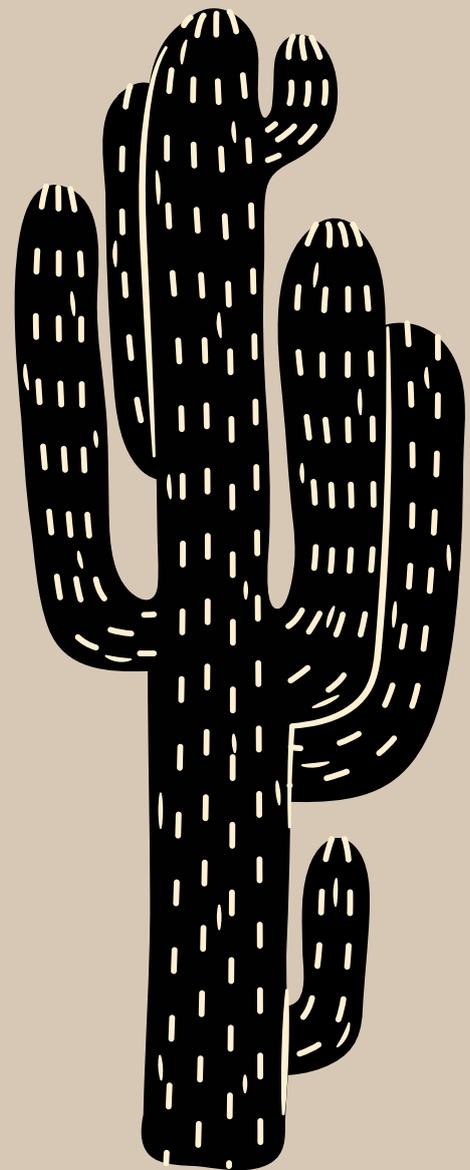


Atenção!

Esses questionamentos devem ser respondidos de forma oral e de maneira breve o professor deve tecer comentários que façam despertar o interesse da maioria, dos que não conhecem. Nesse primeiro momento é de suma importância que professor ouça todos e todas com muita atenção, guarde na memória as expectativas dos alunos.

Professor(a),

É importante também falar um pouco sobre a história, origem do gênero cordel, em uma breve explanação.





Para ficar informado(a)!

Literatura de Cordel: história e origem

Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 18): ‘A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Segundo os autores (p.19): “ Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados.”

Vale ressaltar que não é necessário apresentar todo o contexto histórico, mas, apenas informar como surgiu, porque recebeu esse nome. Após essas informações, apresente sugestões de pesquisas, links, para que os alunos possam ampliar seus conhecimentos acerca da história do cordel



Saiba mais!



<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm>

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/literatura-de-cordel>

2º MOMENTO

Apresentando o Cordel

Professor(a),

Chegou a hora de apresentar a obra para a turma.

Faça um breve comentário, introduzindo um pouco da narrativa, provocando a curiosidade, mas sem entrar em detalhes dos fatos.

Instigue os alunos, deixe-os curiosos com perguntas cativantes como:

Vocês acham que um cachorro é capaz de desvendar um crime?

Apresente a capa do cordel através de slides e peça para eles descreverem o que visualizam.

Escute com atenção tudo que os alunos responderem.

Pergunte se acharam as imagens interessantes e o que mais lhes chamou a atenção.

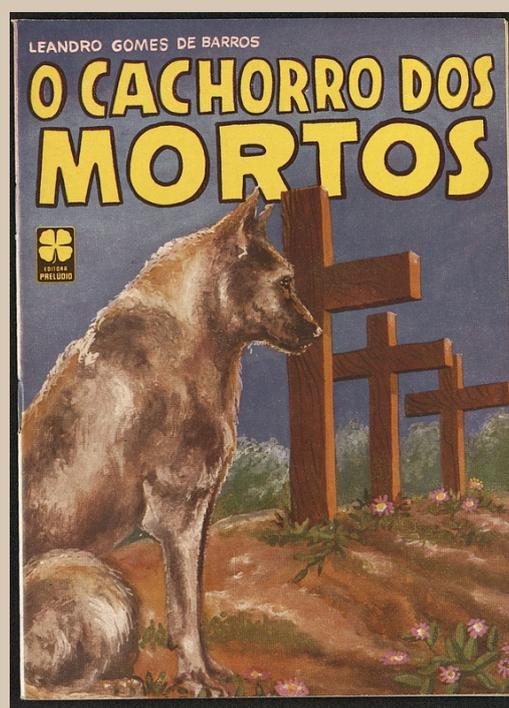


Imagem da capa do cordel "O cachorro dos mortos". Disponível em: <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/115#mode/1up>





Orientações ao professor

Vale ressaltar que as imagens variam conforme as edições, mas todas remetem ao tema. Dessa forma, fica a critério do professor apresentar essa e outras imagens de outras edições do cordel *O cachorro dos mortos*. É importante explicar também que alguns cordéis utilizam-se da xilogravura para ilustrar suas capas.



Saiba mais!



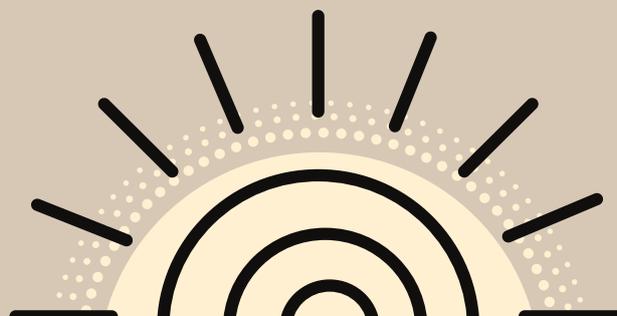
O que é xilogravura?

Xilogravura é a técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. É um processo muito parecido com um carimbo.

É uma técnica em que se entalha na madeira, com ajuda de instrumento cortante, a figura ou forma (matriz) que se pretende imprimir.



Disponível em: <https://www.slideshare.net/AdrianaLeiteCampos/o-que-literatura-de-cordel-61593696>



Após apresentar as imagens e apresentar o conceito de xilogravura, orientamos que encerre a aula atribuindo algumas tarefas para casa, como:

Propor aos alunos que pesquisem e imprimam outras capas para confeccionar um painel literário na próxima aula e que esse painel ficará exposto na sala durante todo o trabalho.

É importante que o professor também faça a impressão das imagens de capas para o próximo momento caso os alunos não tenham disponibilidade de internet.

Apresente também o autor, de forma breve, informando que ele é paraibano, cidade em que nasceu, data de nascimento e de morte.

Instigue os alunos a se interessarem pela biografia de Leandro Gomes de Barros, porém explique para eles que primeiro irão conhecer a obra em estudo e só depois eles irão conhecer mais sobre a história de vida do autor.

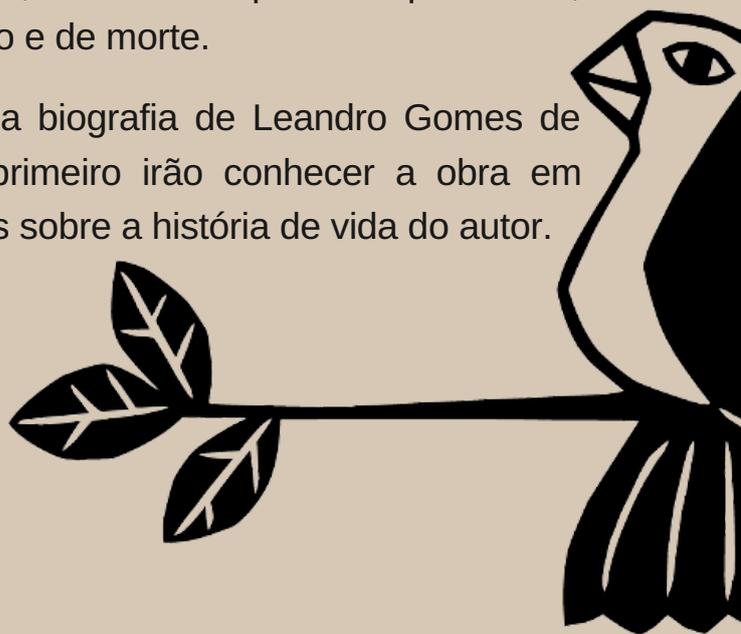


Imagem: Pinterest

Professor(a),

Para atrair mais a atenção, é interessante que seja apresentada a foto do poeta, que também pode ser através de slides e futuramente impressa para que também faça parte do painel que será construído.

Apresente um pouco da biografia do autor.

BIOGRAFIA

NOME: Leandro Gomes de Barros

NASCIMENTO: 19/11/1865, na cidade de Pombal - PB

FALECIMENTO: 04/03/1918, na capital Recife - PE

NACIONALIDADE: brasileira

OCUPAÇÃO: poeta/cordelista

Para mais informações, as imagens e biografia do autor estão disponíveis em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Leandro_Gomes_de_Barros

Leandro Gomes de Barros



Pombal-PB, 19/11/1865 - Recife-PE, 04/03/1918

Xilo: Arievaldo Vianna - Direitos Reservados

Convide os alunos para assistirem ao vídeo: CONHEÇA LEANDRO GOMES DE BARROS, O PAI DO CORDEL NO BRASIL - GLOBO RURAL 02/01/2011 (2º BLOCO), disponível em: <https://youtu.be/ukzY-qG5p2g> para que a turma se familiarizem mais com o autor.

3º MOMENTO

Leitura Coletiva

Professor(a),

Esse é um momento muito importante onde os alunos irão deleitar-se na leitura. Essa leitura deve ser oral, em voz alta e repetida, conforme indica Marinho e Pinheiro, (2012, p. 129).

Contudo, os alunos precisarão receber uma cópia do romance completo por meio impresso e que também seja disponibilizado através de slides. Para consultar o texto completo acesse: <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/115#page/n0/mode/1up>.

Prepare a turma para a leitura

Fale para os alunos que a leitura do romance será realizada em sala de aula e de forma coletiva e jogralizada.

Explique para os alunos o que é um jogral.

Divida a sala em grupos.

Distribua os textos impressos para cada um.

Explicar que cada grupo fará a leitura de uma estrofe, que será iniciada pelo professor.

Orientar os alunos como deve ser realizada a leitura, fazendo um pequeno ensaio antes.

É importante que você faça parte da leitura, mostrando como deve ser lido, para que os alunos sigam exemplos com a entonação, na proporção que forem observando a leitura do professor, eles irão se corrigindo e procurando dar ritmo à leitura. Após iniciada pelo professor, a leitura deverá ser continuada, obedecendo a sequência das estrofes.

Exemplos:

Se na sala existirem 7 grupos, a leitura deverá ser assim distribuída:

1ª estrofe: professor

2ª estrofe: grupo 1

3ª estrofe: grupo 2

4ª estrofe: grupo 3

5ª estrofe: grupo 4

6ª estrofe: grupo 5

7ª estrofe: grupo 6

Ao terminar a leitura do último grupo, deve-se novamente sugerir que os grupos anteriores retornem à leitura até encerrar o cordel.

Propor que os alunos releiam o cordel.

Para não ficar cansativo, pode ser adotada a metodologia Círculo de Leitura, onde a turma em vez de ser dividida em grupos, pode formar círculo.

Pedir que cada aluno leia uma estrofe.

Nesse momento eles já estarão envolvidos com a narrativa e certamente acompanharão a leitura com atenção.

Após terminar a leitura coletiva, oriente os alunos a levarem os textos impressos para casa e que façam uma nova releitura, individual.

Proponha que eles leiam para os pais, para a família.

Se em casa tiver alguém que goste de cordel, que já tenha lido ou pelo menos escutado alguém ler antes e interagir com o aluno, é possível que na próxima aula este aluno esteja mais instigado a participar e traga informações interessantes para o grupo.

4º MOMENTO

Interpretando o Cordel através do Jogo Dramático

Professor(a),

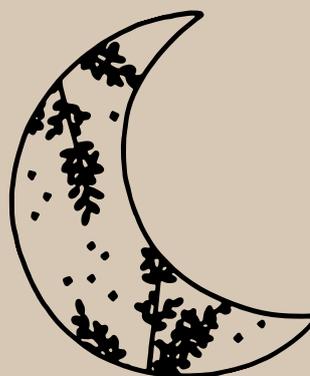
Planejar antecipadamente a realização do jogo dramático sobre os personagens abordados no cordel que deve ser de forma coletiva;

Preparar em casa, algumas fichas de cartolina, papel cartão ou folhas de ofício, com as falas dos personagens, sem colocar exatamente os nomes destes e distribuir aos grupos.

Dividir mais uma vez os alunos em grupos.

Orientações ao professor:

Para que os grupos não sejam formados sempre com os mesmos alunos, a divisão poderá ser feita através de papéis coloridos recortados em quantidades iguais cada cor, com diferentes cores que correspondam ao total de grupos que serão formados.



Exemplos:

Se serão 7 grupos, é interessante que tenham 7 cores de papel. Se cada grupo é composto por 6 alunos, é necessário que tenham 6 papéis de cada cor, que serão distribuídos aos alunos.

Se a sala for formada por 42 alunos, ficarão 7 grupos de 6 integrantes. Nesse caso deverão ser distribuídas 7 cores de papéis: 6 papéis brancos, 6 papéis amarelos, 6 papéis verdes, 6 papéis vermelhos, 6 papéis roxos, 6 papéis azuis, 6 papéis marrons.

O professor convidará os alunos pouco a pouco para escolherem um papel. No final, os grupos se formarão pelas cores, assim não haverá constrangimento e nem resistência por parte dos educandos.

Após os grupos formados, o professor deve:

Distribuir em cada grupo duas fichas com as falas dos personagens.

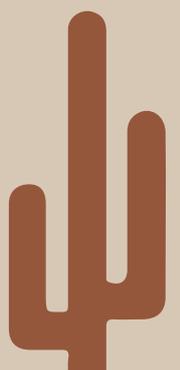
Pedir para os alunos elegerem dois integrantes da equipe para ler ou dramatizar as falas.

Pedir ao grupo que dramatizou para escolher um outro grupo para dizer quem é aquele personagem.

O grupo escolhido responderá e dará sequência fazendo a sua leitura ou dramatização e escolhendo outro grupo para identificar o personagem.

O professor também deve participar, em algum momento, para que os alunos se sintam cada vez mais inteirados.

Após todos os grupos participarem, o professor deve aproveitar o momento final para levantar questionamentos.



Sugestão de questionamentos

Qual o título do texto?

Quem são os personagens?

Cite uma característica para personagem tal.

Você entendeu a história?

A capa do cordel lhe chamou atenção? Por quê?

A imagem (xilogravura) da capa faz referência ao texto?

Qual a passagem do texto lhe chamou mais atenção?

O professor deve ainda:

Abordar questões sobre os elementos da narrativa, mas de forma oral, sem pressionar os alunos.

Instigá-los a identificar:

1. SITUAÇÃO INICIAL
2. CONFLITO
3. CLÍMAX DO CONFLITO
4. DESFECHO

Uma outra sugestão para reforçar o 4º momento é:

Construir uma roleta colorida com os nomes dos personagens.

Colocar dentro de uma caixa os nomes dos alunos em pedaços de cartolina.

Na proporção que o professor girar a roleta, onde ela parar e a seta indicar o nome do personagem, o professor deve sortear um nome de aluno para tecer comentário sobre tal personagem, atribuir características ou ler uma estrofe que faça referência ao personagem indicado.

O que esse personagem fez?

Esse personagem era bom ou mau?

Qual a ação praticada por ele ao longo da narrativa?

Observação: O grupo do qual o aluno é integrante, poderá participar e ajudar caso ele sozinho não consiga.

5º MOMENTO

Debatendo e Discutindo

Professor(a),

Para esse momento deve ser preparado um debate. Provavelmente esse debate tenha que acontecer em outro dia que não seja o da leitura e nem da interpretação.

Perguntar se alguém leu o cordel em casa. Isso é um subsídio que contribui para despertar o interesse de participarem do debate.

Para início de conversa:

Leia mais sobre o funcionamento de um debate e sua finalidade.

O QUE É UM DEBATE?

Segundo o Minidicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2001, p. 203): debate é “discussão em que se alegam razões pró ou contra.”

QUAL A IMPORTÂNCIA DO DEBATE EM SALA DE AULA?

A finalidade de um debate em sala de aula vai além da definição acima. O debate permite refletir, argumentar, concordar ou discordar. Na sala de aula, o debate tende a contribuir para desenvolver o senso crítico, a capacidade de expressão da oralidade e a autonomia.

Para saber mais sobre como conduzir um debate, acesse o link:



Disponível em:

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/como-organizar-conduzir-um-debate-formal-sala-aula.htm>



Inicie o debate de forma geral, com questionamentos que deverão ser respondidos por todos os grupos, como:

A importância do debate:

Para que haja construção efetiva de conhecimento por parte dos alunos, o professor precisa ter algumas habilidades que estimulem a participação dos docentes e principalmente que os incentivem a pensar. Faz-se necessário também que professor tenha o hábito de ouvir, o que é de suma importância para desenvolver nos alunos a capacidade de argumentar.

Professor(a),

Para a continuação do debate devem ser preparadas umas fichas de cartolina ou de outro papel antecipadamente, com os temas contidos no cordel como poder, orgulho ferido, paixão doentia, crime, vingança, traição, justiça, fidelidade, mito, verdade, amor, relação afetiva dos animais com humanos, superstições, poder espiritual do cachorro, violência contra a mulher. Distribuir as fichas, uma para cada grupo, caso sobre alguma, deixar para debater geral no final ou ainda pode ser repetido em algum grupo.

Importante!

Instigar o debate com questionamento como:

1. Em que passagem do texto percebemos que o poder está presente, onde quem tem mais riqueza, acha que pode levar vantagem em tudo e quer se dar bem a todo custo?
2. Alguém pode ler um trecho que justifique isso?
3. Atualmente, vocês acham que ainda acontece isso? O grupo que tiver recebido a ficha com o nome poder vai procurar e apresentar a(s) estrofe(s) e responder os questionamentos.
4. O que o texto tem em comum com os dias atuais?
5. Você se identifica com essa passagem? Explique.

Na continuidade, professor vai questionando e ouvindo os outros grupos a respeito dos temas recebidos por cada um.

Vale ressaltar para manter a organização, é importante que nesse primeiro debate, cada grupo fale no seu determinado tempo que pode ser 15 minutos, para não atrapalhar a vez do outro. No futuro, todos terão oportunidades de se estenderem mais em seus discursos.

Observação:

Esses questionamentos devem ser sempre instigando a interpretação, levando o aluno a entender o texto como também fazer uma comparação com a realidade, ou seja:

O aluno precisa ser conduzido a se perguntar:

- a) O que o texto tem em comum com os dias atuais?
- b) Como eu me identifico com essa passagem?



6º MOMENTO

Compreendendo a Estrutura Composicional do Cordel

Professor(a),

Neste momento, é possível que os alunos já tenham interpretado a narrativa, feito algumas comparações com a realidade, levantado pontos de vista, hipóteses, tirado conclusões, se identificado.

O momento agora é de trabalhar com eles a composição, a estrutura do gênero. É hora de mostrar para ele como é composto o cordel.

Conceitualizando:

O cordel é muito popular na região nordeste do Brasil. São folhetos trazendo poemas populares, que são vendidos ao ar livre, e que tradicionalmente eram expostos pendurados em cordas ou cordéis, de onde originou-se o nome, assim como também o termo literatura de cordel.



Foto: Francisco Moreira da Costa / Acervo IPHAN

Para saber mais sobre o gênero cordel, acesse o link:



Disponível em:

<https://www.socialbauru.com.br/2018/10/22/cor-del-genero-literario/>

Apresentar também ilustrações, imagens e poemas que definam cordel e contribuam para a conceitualização desse gênero. Essa é uma forma dinâmica, que provavelmente promova o encantamento e que faça os alunos vislumbrarem a riqueza de recursos contidos no cordel.



Imagem disponível em: https://www.google.com/search?q=o+que+%C3%A9+cordel&sxsrf=ALeKk03_UWXpHSuVJlrfM8BIOz5Lltd21Q:16150545308

Em seguida, utilizar algumas estrofes do romance: O cachorro dos Mortos para apresentar a sua estrutura.

Escolher as três primeiras estrofes e dizer para os educandos que o romance que leram é poesia, faz parte da poesia popular e é literatura de cordel. Por ser um poema não se estrutura em prosa, e sim, em versos e estrofes e também possui rimas que é uma das características da poesia de cordel.

Perguntar para os alunos se eles sabem o que é verso e estrofe. Caso alguns saibam, é sempre bom revisar.

O cachorro dos mortos

Leandro Gomes de Barros

Os nossos antepassados
 Eram muito **prevenidos**
 Diziam: matos têm olhos
 E paredes tem **ouvidos**
 Os crimes são descobertos
 Por mais que sejam **escondidos**

Em oitocentos e seis
 Na província da **Bahia**
 Distante da capital
 três léguas ou menos **seria**
 Sebastião de Oliveira
 ali num canto **vivia**

Ele, a mulher e duas filhas
 E um filho já homem **feito**
 O rapaz era empregado
 E estudava **direito**
 O velho não era rico
 Mas vivia **satisfeito**

Curiosidade!

DIFERENCIANDO VERSO, ESTROFE, RIMA

Viana (2010, p.34- 35), conceitua esses elementos da seguinte forma:

Verso: é cada uma das linhas de um poema. É a unidade rítmica da composição poética.

Estrofe: É um grupo de versos de um trabalho poético, em geral com sentido completo.

Rima: É a correspondência de sons, com palavras diferentes.

Em outras palavras:

Na literatura, o verso representa a linha do poema enquanto a estrofe é o nome dado ao conjunto de versos. O refrão ou estribilho são os versos que se repetem no final das estrofes. As rimas são efeitos produzidos pelas poesias por meio da aproximação sonora entre as palavras ou expressões.

Para saber mais sobre os conceitos de verso, estrofe e rimas, acesse o link:



Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/verso-estrofe-e-rima/>

Professor(a),

O jogo é um ótimo incentivo para despertar o interesse e a curiosidade, mas precisa ser planejado antes para ser realizado no momento da aula, contudo a sugestão é que seja realizado o jogo da roleta **ESTRUTURA DO CORDEL**, como mostra a imagem a seguir.



Após explicar todas as partes que constituem um cordel, propor um desafio (jogo) sobre a estrutura do cordel que será realizado na aula seguinte.

Seguem os passos para a preparação de material:

Planejando em casa:

Construir uma roleta em Power Point, como mostra a imagem acima. Para saber mais, consultar tutorial disponível em <https://youtu.be/iKGh6RrtNBI>

Confeccionar muitos numerais (1), que ficarão guardados em uma caixa.

Comprar alguns folheto de cordel que servirão como prêmio e embrulhar em papel de presente.

Organizando a sala para o jogo

Dividir a turma em grupos.

Sortear o grupo para responder ao 1º desafio.

Informar que para cada acerto o grupo receberá 1 ponto.

Orientar que o grupo que não acertar não será punido, apenas a pergunta é repassada para outro grupo que se disponha a responder.

Esclarecer para os alunos que será uma brincadeira e que todos mesmo que errem, estão ganhando pois estão aprendendo.

No final, entregar os cordéis para o grupo vencedor, que deve ser incentivado a apresentar os folhetos para a turma.

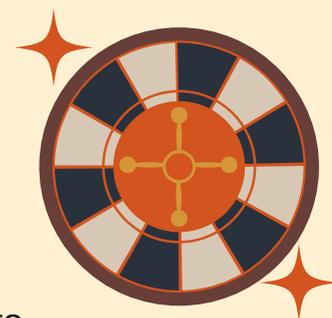


Imagem: Canva

Após o jogo, sugerimos um exercício de releitura cantada, de algumas estrofes do cordel, no ritmo de Ciranda cirandinha.

Professor(a),

Essa atividade reforçará o prazer estético e ainda ajudará a compreender melhor a identificar as rimas.

Convidar os alunos para releitura cantada das três primeiras estrofes do poema que deve ser disponibilizado através de slides.

Orientá-los a baterem palmas 2 vezes a cada palavra em negrito e pedir para observarem a semelhança dos sons.

Explicar que essas palavras rimam entre si.

O cachorro dos mortos

Leandro Gomes de Barros

Os nossos antepassados
Eram muito **prevenidos**
Diziam: matos têm olhos
E paredes tem **ouvidos**
Os crimes são descobertos
Por mais que sejam **escondidos**

Em oitocentos e seis
Na província da **Bahia**
Distante da capital
três léguas ou menos **seria**
Sebastião de Oliveira
ali num canto **vivia**

Ele, a mulher e duas filhas
E um filho já homem **feito**
O rapaz era empregado
E estudava **direito**
O velho não era rico
Mas vivia **satisfeito**

Os alunos ainda podem ser motivados a responder questões tanto na modalidade oral quanto na escrita como:

- Quantas estrofes há no trecho apresentado
- Qual a primeira palavra da 2ª estrofe?
- Qual a última palavra da 1ª estrofe
- Por quantos versos essas estrofes são compostas?
- Que nome recebe uma estrofe com seis versos?

Pedir para os alunos identificarem na oralidade todas as palavras que rimam na 1ª estrofe, na 2ª estrofe e na 3ª estrofe. Essa atividade também pode ser escrita e os alunos podem destacar de pink as rimas da 1ª estrofe, de amarelo as rimas da 2ª estrofe e de verde as rimas da 3ª estrofe, como segue o modelo.

Os nossos antepassados
Eram muito prevenidos
Diziam: matos têm olhos
E paredes tem ouvidos
Os crimes são descobertos
Por mais que sejam escondidos

Em oitocentos e seis
Na província da Bahia
Distante da capital
três léguas ou menos seria
Sebastião de Oliveira
ali num canto vivia

Ele, a mulher e duas filhas
E um filho já homem feito
O rapaz era empregado
E estudava direito
O velho não era rico
Mas vivia satisfeito

7º MOMENTO

Feira do Cordel

Professor(a),

Informar aos alunos que não existe apenas a obra “O cachorro dos mortos” e também não existe apenas um cordelista.

Dizer para eles que há uma grande diversidade de autores e temas nos cordéis, que eles poderão continuar buscando e lendo já que foram despertados para essa prática.

Para o encerramento, sugerimos uma atividade em que toda a comunidade escolar possa participar. Esse momento é essencial para que os alunos exerçam o protagonismo, já que essa atividade envolverá um público maior.

Organizar uma Feira de Literatura de Cordel.

É interessante que essa atividade seja organizada no pátio da própria escola e que promova o envolvimento dos alunos em **diversas etapas** como:

Exposição e divulgação de folhetos de cordel

Apresentação de autores,

Exposição de painel literário com biografia de Leandro Gomes de Barros, capas e títulos de seus cordéis.

Dramatizações

Declamações.

Concurso de desenhos de xilogravuras.

Concurso de melhor declamação.



Passos para a organização da feira:

1º passo: coletar material

Propor aos alunos uma pesquisa na internet e impressão de poemas que serão levados para a escola.

Orientar os alunos também para o resgate de alguns folhetos de cordel, em casa ou com amigos, vizinhos, etc.

Pesquisar fotos de Leandro Gomes de Barros, imagens de capas de cordéis diversos do autor.

Sugerir a pesquisa e recorte de algumas reportagens sobre Leandro Gomes de Barro ou sobre a literatura de cordel para complementar a exposição.

2º passo: Confecção de painel literário

Motivar e orientar os alunos a confeccionarem um painel literário com as fotos de Leandro Gomes de Barros, com as imagens de capas de cordéis diversos do autor, com os recortes de reportagens sobre o cordelista e sobre literatura de cordel.

Preparar com a ajuda dos alunos, um convite para ser entregue em toda comunidade escolar.

Orientar os educandos a fazerem entrega dos convites, sem causar tumulto.



Atenção!

O professor deve favorecer essa pesquisa, disponibilizar também boa parte do material, pedir ajuda na própria escola para obtenção desses recursos que favoreçam aos alunos no caso de dificuldades financeiras.



3º passo:

Convidar um cordelista local que tenha escrito algum folheto para fazer a divulgação do seu folheto e se possível falar um pouco sobre a literatura de cordel, o que o levou a gostar de escrever, etc.

Convidar também 2 violeiros locais para que animem o evento, apresentem algum tipo de poesia cantada, pode ser uma peleja ou um desafio, que é um grande atrativo.

4º passo:

Organizar cada momento de apresentação atribuindo responsabilidades diferente a cada grupo.

Orientar e acompanhar os grupos individualmente para que cada apresentação seja realizada no tempo certo para que assim, os estudantes sintam-se realizados e elevem cada vez mais a auto estima.

Professor(a),

A atividade aqui proposta não está restrita ao trabalho apenas com a leitura do cordel O cachorro dos mortos. Existem inúmeros folhetos com romances de Leandro Gomes de Barros e também com poemas de outros autores, como é o caso da poesia matuta de Patativa do Assaré que também aborda temas relevantes e que podem ser encontrados na internet.

Vale lembrar que leitores autônomos são aqueles que vão em busca de novas leituras por iniciativa própria e que a formação de leitores só é efetivada quando acontece a leitura espontânea. Dessa forma, orientamos sugerir que os alunos continuem buscando e lendo outros folhetos de cordel. Quanto maior for o incentivo, maior a chance de formar leitores proficientes.



E foi assim...



Os estudos sobre leitura literária e literatura de cordel mostrou-nos que é possível desenvolvermos na sala de aula práticas de leitura que direcione os alunos a caminhos diferentes dos que comumente são propostos no cotidiano escolar.

Diante de tudo o que discutimos e analisamos nesta pesquisa, a reflexão que aqui fica é que a leitura de textos literários e especificamente do cordel, é imprescindível para a formação de sujeitos críticos e atuantes no contexto em que estão inseridos, uma vez que esse gênero além de favorecer o diálogo com a cultura da qual se origina, ainda possibilita o desenvolvimento da prática leitora por prazer. Consideramos de suma importância o conjunto de atividades anteriormente proposto que instiga a leitura possibilitando interpretação, debates, jogos dramáticos, desafios, discussões coletivas, posicionamentos críticos, não descartando a escrita em alguns momentos, quando se fizer necessário.

A leitura é uma atividade necessária, contudo cabe à escola preparar os seus estudantes para dominarem os textos que circulam na sociedade. E para que eles dominem essa competência, é necessário ter acesso a um ensino de qualidade que possibilite sanar as dificuldades apresentadas ao longo da formação escolar. Nesse sentido, entendemos que os professores, principalmente os de língua portuguesa, são fundamentais para o desenvolvimento dessa competência, uma vez que, por meio de um trabalho de um trabalho dinâmico com o cordel, possa despertar o interesse dos alunos pela leitura de qualquer gênero. Pensamos em propor algumas sugestões que incentivassem essa prática de forma prazerosa mas que também favorecesse condições de aprendizagens diversas para os alunos. Dessa forma, com base em estudos e reflexões acerca das inúmeras possibilidades significativas que a leitura oferece.



AUTORA E ORIENTADOR



Maria Aparecida de Sousa Cardoso

É licenciada em Letras (UFCG), com habilitação em Língua Vernácula e Língua Inglesa, Especialista em Língua, Linguagem e Ensino (ISEC). É professora efetiva da rede estadual de ensino do estado da Paraíba, ex-professora do ProJovem Urbano da PB. Ministrou alguns cursos de Formações Contínuas para professores como: IQE, E-proinfo. Ministrou aulas em cursos profissionalizantes do SENAC.

Elri Bandeira de Sousa

É licenciado em História e em Letras (UFPB) e Doutor em Literatura Brasileira pelo PPGL (UFPB). Professor da UAL/CFP/UFCG e do Profletras, é autor dos livros Fogo Morto: uma tragédia em três atos (EDUFCG), Engenhos e Personagens da Mega-Narrativa de Lins do Rego (Editora Bagagem), Artigos sobre mito, literatura e ensino (Editora Ideia), Exercícios em Verso e Prosa (Editora Ideia) e coautor do livro Heróis e anti-heróis do sertão de Lins do Rego (Appris Editora). Publicou diversos artigos em revistas, livros e anais de eventos de sua área de atuação e áreas afins. Como pesquisador, é líder do Grupo de Pesquisa Doxa, cadastrado na Plataforma Lattes do CNPq.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre leitura literária e literatura de cordel mostrou-nos que é possível desenvolvermos na sala de aula práticas de leitura que direcione os alunos a caminhos diferentes dos que comumente são propostos no cotidiano escolar.

Embora de início pensássemos em elaborar um trabalho que favorecesse estratégias de leitura com o cordel, essa ideia veio a amadurecer ao ingressarmos no Mestrado Profissional em Letras. Nossa atração por essa temática foi adicionada às orientações no decorrer das aulas, as quais iam sempre direcionando para importância de pesquisarmos temas que despertassem o interesse dos mestrandos(as), e que fosse algo atrativo, o que fez com que a nossa ideia fosse amadurecida.

Diante de tudo o que discutimos, estudamos e analisamos nesta pesquisa, a reflexão que aqui fica é a de que a leitura de textos literários e especificamente do cordel, é imprescindível para a formação de sujeitos críticos e atuantes no contexto de que participam, uma vez que esse gênero além de favorecer o diálogo com culturas diversas, especificamente a cultura da qual se origina, é fonte inesgotável de conhecimentos diversos e de prazer estético. Dessa forma é possível que a leitura do cordel em sala de aula possa proporcionar o prazer e fruição e ainda assim, ampliar o horizonte de expectativas dos alunos, favorecer a identificação, a construção de sentidos e de novos conhecimentos que contribuam para a elevação do protagonismo.

A pesquisa foi satisfatória e contribuiu de forma significativa para novos conhecimentos que antes não podíamos mensurar sobre a gama de possibilidades de ampliação de horizontes que o texto cordelístico pode proporcionar, uma vez que seja inserido na sala de aula, desde provocar o prazer estético e despertar o gosto por leitura até a construção de conhecimentos diversos, alguns que são propostos pelo currículo e além dele.

Assim, consideramos de suma importância o conjunto de atividades propostas, no que se refere à motivação para a leitura e a abertura de possibilidades para leitura espontânea, posicionamentos críticos, através da interpretação, discussões coletivas, debates, jogos, dramatizações, desafios, não descartando a escrita em alguns momentos, quando se fizer necessário.

A leitura é uma atividade necessária, contudo cabe à escola preparar os alunos para dominarem os textos que circulam na sociedade. E para que eles dominem essa competência, é necessário ter acesso ao ensino de qualidade que possibilite sanar as dificuldades apresentadas ao longo da formação escolar. Nesse sentido, entendemos que os professores, principalmente os de língua portuguesa, são fundamentais para o desenvolvimento dessa competência, uma vez que, por meio de um trabalho com o cordel, possa despertar o interesse dos alunos pela leitura desse e de qualquer outro gênero e assim formar cidadãos leitores e críticos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003. ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 2. ed. São Paulo:Parábola, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo:Parábola, 2017.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. In: SOUZA, Renata J. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: Difusão Cultural do livro, 2004.
- BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n.1, p. 145-167. Marc/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- BARROS, Leandro Gomes de. **História do cachorro dos mortos** [en ligne]. Juazeiro do Norte - CE - Brasil : Filhas de Silva, José Bernardo da (Prop.) - Literatura de Cordel José Bernardo da Silva, 1976, p.40. Disponível em : <<http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/69>> consultado a 27/03/2021).
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5 ed. Trad.: J. Guisburg. São Paulo: Perspectiva, 1987. BORDINI, M.G; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. Série Novas Perspectivas.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017.
- BRASILEIRO, O. J.; SILVEIRA, R. C. **Literatura e oralidade no cordel: identidade e memória cultural nordestina**. Dossiê: Voz e Interculturalidade, Porto Alegre, v. 09, n. 1, p. 03 – 06, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/43381/27884> (Acesso em 21 de janeiro de 2021).
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. Brasília, DF: MEC/Conselho Nacional de Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação.**

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. São Paulo: Duasidades; Ouro sobre azul, 1995, p.169-91.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARMO, Sheila Mayara Ribeiro do. Literatura de cordel: uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Madeira, 2016. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/84107421.pdf>. Acesso em 12 de jan.de 2020.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. As práticas de leitura literária. In: **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014. COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

EVARISTO, M. C. **O cordel em sala de aula.** In: BRANDÃO, H. N. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica/** coordenadora Helena Nagamine Brandão. – 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção **aprender e ensinar com textos**; v.5/coord. Geral Ligia Chiappini).

FREIRE, Paulo: **A importância do ato de ler – Em três artigos que se completam.** 44 ed. São Paulo, Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** Leitura e produção. São Paulo.: Ática, 1997.

GERALDI, J. W. Prática da leitura na escola. In: Geraldi J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GERIBELLO, Francisca Barbosa Batista. **A caravana do cordel e a construção de um Nordeste em movimento em São Paulo.** 2014. 165f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6761/5700.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 mar. 2021.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn. Tomaz

- Tadeu da Silva (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Contexto, 1997.
- LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista & SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães de. **Letramento literário em círculos de leitura na escola**. Palimpsesto, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.427- 441. Disponível em: . Acesso em: dd. mm. aaaa. ISSN: 1809- 3507
- LIMA, Leidiane Faustino. **A literatura de cordel na sala de aula**: uma reflexão sobre a experiência no estágio de literatura ensino fundamental. 2015. Artigo (V encontro de iniciação à docência da UFPB) - Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID_18_01_31072015133925.pdf Acesso 17 abr. 21.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Novafronteira, 2001.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais e ensino**/ organizadoras: Ângela

P. Dionísio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna,2002.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo:Cortez, 2012.

MARINHO, Fernando. "Literatura de cordel"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

MELO, Veríssimo de. **Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais**. In:LOPES Ribamar. (org.). **Literatura de Cordel: antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.

MENDES, Margarida Vieira. **Pedagogia da literatura**. In: Românica, v. 6, 1997.

MONTEIRO, Roberta Alves. **Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula**. Revista Fórum Identidades. Ano II, v.04, n. 04, jul.-dez. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/20004175-Literatura-de-cordel-por-que-e-para-que-trabalhar-em-sala-de-aula.html> . Acesso em 24 mar.2021.

M. ROBERT, Henry – Regras de Ordem de Robert – tradução, Randyl Kent Plampin. –New York . Ed. 1915.

PARAÍBA. Proposta Curricular do estado da Paraíba, 2018. Disponível em: <https://sites.google.com/see.pb.gov.br/probnccpb/proposta-curricular-ei-e-ef>. Acesso em 16 de junho de 2021.

PERROTTI, Edmir. **Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor)**. In: PRADO, Jason e CONDINI Paulo (org.) **A Formação do Leitor – pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PINHEIRO, Helder. Poesia na sala de aula. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba. Aymar.2009.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação,Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. PortoAlegre: Mediação, 2009.

ROSSI, Maria Aparecida L. **O Processo de Escolarização dos Diferentes Gêneros Textuais Observado nas Práticas de Ensino de Leitura**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010

SANTOS, G. N. Sandoval. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental.** São Paulo: Cortex, 2012.

SANTOS, Vandeilton Gonçalves dos. **Identidade cultural [manuscrito]: o uso da literatura de cordel em sala de aula enfrentamento da questão do lixo na comunidade Mario Andreazza-2016.** 53 p.: il. color. Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró- Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9679/1/PDF%20-%20Vandeilton%20Gon%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 11 fev. 2021.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. In: *Perspectiva*. Florianópolis, 1999.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução da literatura de cordel.** 3. ed. Riode Janeiro: Milart, 2005.

SILVA, S. P. da. ARCANJO, J. G. A literatura do cordel e o ensino de ciências: umalinguagem alternativa na promoção da reflexão socioambiental. *Revista Virtual Partes*. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3932234>. Acesso em 10 abr. 2021.

SOARES, Magda. **A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil.** In: EVANGELISTA, Aracy Martins. **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil.** In EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (org.) **A escolarização da leituraliterária – O jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, & Coll, C. **Os professores e a concepção construtivista.** In: COLL., C et al. **O construtivismo na sala de aula.** 6ed. São Paulo: Ática, 2001

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari, (Org) **Leitura literária na escola:** reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SOUSA, Maria Ribeiro de. **O cordel na sala de aula [manuscrito] a ressignificação do ensino de língua portuguesa.** 2014. 50 p.: il. color. Monografia: Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró- Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7010/1/PDF%20->

[%20Maria%20Ribeiro%20de%20Sousa.pdf](#). Acesso em 19 mar. 2021.

VIANA, Arievaldo Lima. **Acorda cordel na sala de aula**. 2. ed.- Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

YUNES, Eliana. **Literatura e Educação: a formação do sujeito**. In: KHÉDE, Sônia Salomão (coord.). *Os contrapontos da Literatura* (arte, ciência e filosofia). Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1984.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia: Ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. (Série Contrapontos).

ZILBERMAN, Regina. **O texto não é pretexto**. In ZILBERMAN, Regina (org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

ZILBERMAN, Regina (org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984.

ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor. In: **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ZILBERMAN, Regina. O leitor e o livro. In: **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez.2008. ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

SITES UTILIZADOS:

CANVA. **Programa de edição, design e diagramação**. Disponível em: <<https://www.canva.com/>> Acesso em 23 de mar. de 2021.

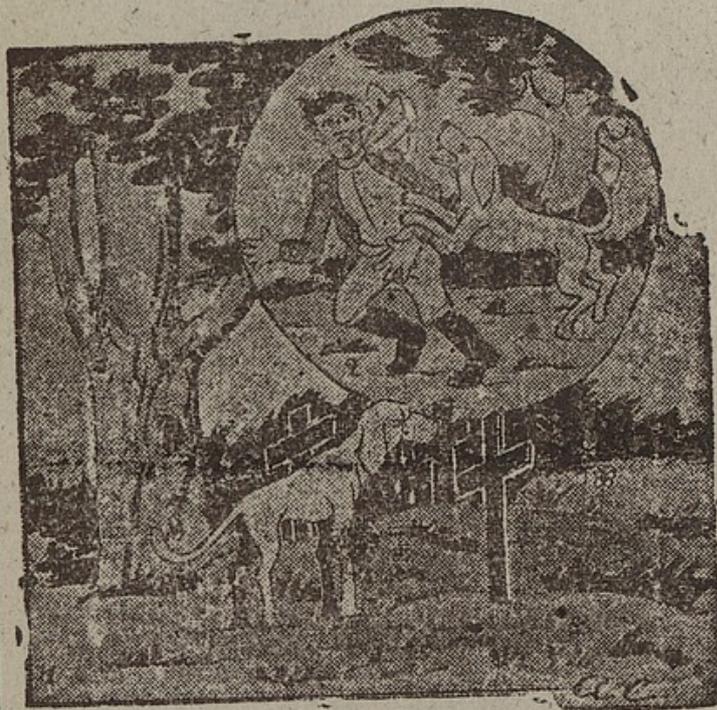
PINTEREST. Banco de imagens. Disponível em: < <https://br.pinterest.com/>> Acesso em 23 de mar. de 2021.

ANEXO - Cordel

LEANDRO GOMES DE BARROS

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva.

HISTORIA DO CACHORRO DOS MORTOS



Leandro Gomes de Barros
Proprietários: Filhas de José Bernardo da Silva

Cachorro dos Mortos

Os nossos antepassados
eram muito prevenidos
diziam: matos têm olhos
e paredes têm ouvidos
os crimes são descobertos
por mais que sejam escondidos

Em oitocentos e seis
na provincia da Bahia
distante da capital
3 léguas ou menos seria
Sebastião de Oliveira
ali num canto vivia

Ele, a mulher e duas filhas
e um filho já homem feito
o rapaz era empregado
e estudava Direito
o velho não era rico
mas vivia satisfeito

As duas filhas eram moças
honestas, trabalhadoras
logravam na capital
o nome de encantadoras
chamavam atenção de todos
as grandes tranças tão loura



(2)

Esse velho era ferreiro
e ferreiro habilitado
vivia do seu ofício
plantando e criando gado
por três vezes enjeitou
o cargo de delegado

Havia um vizinho dele
Elizário Amorim
esse tinha um filho único
da espécie de Caim
enquanto o espanhol velho
até não era ruim

O filho desse espanhol
era uma fera carniceira
veio provocar namôro
com as filhas de Oliveira
uma delas disse a ele:
de nós não há quem o queira

Ele disse: tu não sabes
que meu pai possui dinheiro?
em terras e criações
é o maior fazendeiro?
ela disse: o meu é pobre
planta, cria e é ferreiro

—Minha mãe tece de ganho
nós vivemos de costura
meu pai vive de sua arte
e de sua agricultura
meu irmão é empregado
para que maior ventura?

(3)

O sedutor conhecendo
seus planos serem debaldes
e só podia vencê-la
por meio de falsidade
que é a arma mais propria
aonde existe a maldade

Saiu dali Valdivino
fedendo a chifre queimado
e Angelita ficou
com o coração descansado
nem disse aos outros de casa
o que tinha se passado

Ele pensou em forçá-la
mas pensou no resultado
devido o pai de Angelita
ser muito considerado
o filho pelo governo
era bem conceituado

Exclamava ele consigo:
oh! Angelita és tão bela
eu não sossegarei mais
e nem me esquecerei dela
farei tudo pra vencê-la
porem não caso com ela

Mas Valdivino temia
o pai dela e o irmão
que o governo da provincia
tinha-lhes muita atenção
o rapaz era empregado
e tinha consideração

(4)

Valdivino inda pensou
que matando Floriano
podia calçar com ouro
todo governo baiano
ainda que entrasse em jùri
não passava nem um ano

Ou poderia matá-lo
oculto numa emboscada
pois ninguem vendo o crime
ele não sofria nada
defunto não conta historia
estava a questão acabada

Havia ali um engano
entre Vitória e Bahia
a divisão das provincias
ali ninguem conhecia
Sebastião de Oliveira
era o único que sabia

O governo da provincia
tendo aquela precisão
disse um dia: Floriano
você vá em comissão
chamar seu pai para vir
mostrar a demarcação

Valdivino de Amorim
viu Floriano passar
escolheu o lugar próprio
onde pudesse emboscar
dizendo dentro de si:
ele não pode escapar

A fera foi emboscá-lo
onde havia uma capoeira
carregou um bacamarte
fez duma arvore trincheira
distante um quarto de légua
da fazenda de Oliveira

O rapaz chegou em casa
o velho tinha saído
ver se achava um jumento
que havia se sumido
um amigo lhe escreveu
que lá tinha aparecido

O Floriano chegou
depois que o velho saiu
nesta tarde não voltou
com a familia dormiu
deu o recado a mãe dele
de madrugada seguiu

Calar, um cachorro velho
que Sebastião criou
quando Floriano saiu
Calar o acompanhou
Floriano o quis voltar
porem Calar não voltou

Passava ali Floriano
a fera então enfrentou-o
disparou o bacamarte
sem vida em terra lançou-o
Calar partiu ao sicário
o assassino amarrou-o

(6)

As moças lá na fazenda
ouviram o estampido
Angelita se assustou
dizendo: que terá sido?
o tiro foi para o lado
que seu irmão tinha ido

Angelita aí convidou
a sua irmã Esmeralda
dizendo: vamos aqui
a passeio pela estrada?
aquele tiro que deram
deixou-me sobressaltada

No sertão naquele tempo
podia uma moça andar
passavam 2 ou 3 meses
sem nenhum homem passar
por isso foram elas duas
não tinham o que recear

Iam ali conversando
sobre a aragem matutina
disse Esmeralda a irmã:
olha para o céu, menina
estás vendo aquelas estrelas
como têm a luz tão fina?

Chegaram aonde o irmão
estava morto na estrada
o criminoso, do mato
atirou em Esmeralda
e enfrentou Angelita
dizendo: não diga nada

[7]

Angelita muita pálida
sem estar esmorecida
vendo os 2 irmão já mortos
por uma mão homicida
lhe disse: monstro tirano
eu morro e não sou vencida!

Ele disse: Angelita
com tudo isto sou teu;
foi dar-lhe um beijo nos lábios
mas Angelita o mordeu
ele cravou-lhe o punhal
e ela esmoreceu

Pondo a mão na punhalada
disse: monstro desgraçado
aquele velho cachorro
que está ali amarrado
descobrirá estes crimes
e tu serás enforcado!

Olhou para a gameleira
que tinha junto a estrada
dizendo tu, gameleira
viste este cena passada?
és uma das testemunhas
quando a hora for chegada!

Já na última agonia
exclamou: monstro assassino
tiraste agora 3 vidas
e não sacias o destino?
isso hei de te lembrar
perante o Juiz Divino!

(8)

—Não julgues que fique impune
este sangue no deserto
tu não vês três testemunhas,
que estão aqui muito perto?
estas perante ao público
dão depoimento certo!

Disse Valdivino: és louca
quem viu o que foi passado?
disse Angelita: esse cão
que está ali amarrado
a gameleira e as flores
dirão no dia chegado

Olhou para o cão e disse:
olha, meu velho Calar
tu dirás tudo ao juiz
sem ele te perguntar
essa velha gameleira
fica para te ajudar

—Essas flores que por elas
há festa aqui todo ano
há de tirar a justiça
duma suspeita ou engano
dirá ao juiz: venha ver
quem matou a Floriano!

—As 3 vidas que roubaste
pagarás com tua vida
tu hás de te arrepender
depois da causa perdida
uma lágrima de dor
será por teu pai vertida!

--Contudo, monstro, perdôo-te
porque fui e sou cristã
a morte do meu irmão
a minha e de minha irmã
tu hoje matas a mim
outro te mata amanhã!

E pondo a mão sobre uma
das punhaladas que tinha
disse a Calar: se fugires
consola a minha mãezinha
e diga-lhe que abençoe
os pobres filhos que tinha!

—Embora que tu não fales
pois não te foi concedido
mas um olhar bem olhado
dá idéia dum sentido
um uivo e um olhar
pode ser compreendido

E ali cerrando os olhos
quase a sorrir expirou
o assassino olhando-a
chorando se retirou
depois pensou: isto é nada!...
com toda calma voltou

Já estava frio o cadáver
porem nas faces mimosas
via-se perfeitamente
desenho de duas rosas
como se fossem pintadas
por mãos das mais curiosas

(10)

Em Esmeralda se via
o sangue ainda saindo
vestígio de zombaria
como quem morre sorrindo
como criança que brinca
finge que está dormindo

O rapaz banhado em sangue
bem no meio da estrada
à esquerda de Angelita
à direita de Esmeralda
com uma mão na ferida
e a outra mão estirada

Valdivino tinha à noite
escrito numa carteira:
«eu hoje lei de matar
«Floriano de Oliveira
«se não matá-lo me mato
«será minha derradeira»

Datou-a e assinou o nome
pegou a arma e saiu
se encostou na gameleira
e a carteira escapuliu
havia um ôco na árvore
nele a carteira caiu

A fera não se lembrou
da testemunha ocular
perdendo aquela carteira
alguem podia a achar
ela na mão da justiça
quem poderia o salvar?

(11)

Porem uma força oculta
permitiu que ele perdesse
e a mesma força impôs
que dela ele esquecesse
para dizer a seu tempo:
o assassino foi esse!

Calar, o velho cachorro
que aquele espetáculo via
soltando uivos enormes
que muito longe se ouvia
rosnava e fitava os olhos
debalde a corda mordia

Valdivino ali puxando
um facão muito afiado
descarregou no cachorro
um golpe encolerizado
errou e cortou-lhe a corda
com que estava amarrado

Valdivino ficou triste
vendo o cachorro correr
lembrou-se do que Angelita
disse antes de morrer
porem disse: ele não fala
como poderá dizer?

Calar chegou na fazenda
uivando desesperado
D. Maria da Glória
já tinha se levantado
quando viu o cão uivando
aí cresceu-lhe o cuidado

E foi procurar os filhos
onde ouviu os estampidos
Calar foi adiante uivando
com enormes alaridos
D. Maria da Glória
ia aguçando os ouvidos

Como não foi seu espanto
quando chegou no lugar
onde achou os filhos mortos
sem nada ali atinar?
Calar sabia de tudo
mas não podia falar

Voltou Maria da Glória
num triste e penoso estado
já Sebastião em casa
a esperava sentado
não sabia da desgraça
que há pouco tinha se dado

Perguntou pela família
ela não pode contar
disse apenas: morreu tudo!.,
e apontou para o lugar
estendeu-se para um lado
sem nada mais atinar

Sebastião de Oliveira
foi por onde a mulher veio
achou a poça de sangue
os filhos mortos no meio
olhou para o céu e disse:
oh! meu Deus que quadro feio!

(13)

Foi perguntar à mulher
como aquilo foi se dado
ela apenas lhe contou
o que tinha se passado
deixando o pobre ancião
afrito e impressionado

Montou um burro e saiu
dali para a capital
quando chegou na cidade
foi ao quartel general
lá falou mais juma hora
e nada disse afinal

Depois de muita insistência
o presidente entendeu
perguntou por Floriano
ele lhe disse: morreu
ele e a familia toda!..
e contou o que se deu

A justiça foi atrás
ver o que tinha se dado
encontrou os 3 cadáveres
no chão em sangue banhados
Calar estava uivando
junto dos mortos deitado

Foram à casa de Oliveira
ver se Maria da Glória
dava 1 roteiro que ao menos
se calculasse uma historia
ela contou essa mesma
qu'eles guardam na memória

D. Maria da Gloria
dois dias depois morreu
Sebastião de Oliveira
com três dias enlouqueceu
dentro de duas semanas
tudo desapareceu

A justiça da Bahia
não cessou de procurar
espalhou por toda parte
secretos a indagar
não havia uma pessoa
que dissesse: eu vi matar

Dava dez contos de réis
na moeda que quisesse
à pessoa que chegasse
e seriamente dissesse
teria mais um terreno
e pessoa que soubesse

Porem o crime se deu
quando ali ninguém passava
Calar sabia de tudo
porque no crime ele estava
se falasse descobria
desejo não lhe faltava

Impressionava a todos
habitantes da cidade
como deu-se aquele crime
naquela localidade
Florião de Oliveira
todos lhe tinham amizade

Atribuiu-se a um roubo
por algum aventureiro
mas o rapaz costumava
a não andar com dinheiro
questão de moça não era
ele era justiceiro

Os moradores de perto
eram todos conhecidos
compadres dele e do pai
e por eles protegidos
tanto que se dando o crime
todos ficaram sentidos

Eliziário era um desses
abortos que têm havido
desses que o pão que come
o considera estruído
fazer-lhe o mal é pecado
fazer-lhe o bem é perdido

Esse era fazendeiro
porem dali não saía
nem era bem conhecido
no comércio da Bahia
só aonde vendia lá
alguem lá o conhecia

E o dono do açougue
onde ele vendia gado
o banco onde ele tinha
dinheiro depositado
tanto que deu-se esse crime
e dele não foi lembrado

Sentiu e chorou bastante
a morte do camarada
e não foi a missa dele
por não ser madrugada
pois só tinha uma camisa
e esta estava rasgada

Tambem procurou saber
qual seria o assassino
não sei se pelo dinheiro
ou pelo proprio destino
mas nunca lhe veio à mente
ser seu filho Valdiviao

Onde deu-se o crime havia
duas estradas em cruz
diziam que ali se achavam
umas flores muito azuis
formando uma lapa igual
a do Menino Jesus

Os baianos costumavam
desde a antiguidade
fazerem uma grande festa
naquela localidade
véspera e dia de ano
ali era novidade

Na capital da Bahia
não havia outro festim
havia missa campal
orquestra e botiquim
bailes naquelas latadas
bem cobertas de capim



Em oitocentos e nove
estava a festa a terminar
um velho que ali passava
passou naquele lugar
atrás desse caçador
vinha o cachorro Calar

Abrigou-se numa sombra
vinha muito esbaforido
foi cheirar o pé da cruz
que o senhor tinha morrido
cheirou a das duas moças
e depois soltou um ganido

Estava ali o general
o bispo e o presidente
com o chefe da policia
homem muito experiente
todos ficaram daquilo
impressionadamente

O general perguntou
de quem era aquele cão
respondeu o velho Pedro:
este cachorro, patrão
é do defundo Oliveira
que Deus dê-lhe a salvação

—Este cachorro é o rei
dos cachorros caçadores
ainda adora o lugar
que mataram seus senhores
se fosse de madrugada
seus uivos faziam horrores

(18)

Disse o chefe de policia
inda não se descobriu
a morte de um patriota
que tanto a patria serviu?
foi logo nesse deserto
em horas que ninguem viu.

Disse ali o presidente:
se ainda se descobrir
o autor dessas 3 mortes
eu juro a Deus o punir
serei o carrasco dele
quando ele a forca subir

—Sebastião de Oliveira
era um pobre acreditado
a familia deu exemplo
o filho, um rapaz honrado
era um rapaz distinto
por todo mundo estimado

Então disse o general:
isso ainda é descoberto
o crime foi muito oculto
feito aqui neste deserto
mas quando chega o dia
há de saber-se por certo

-- Se eu vivo fornese tempo
serei o algoz mais forte
serei um dos que conduz
para o teatro da morte
com a minha propria mão
amolo o ferro que o corte

O cachorro ouvindo aquilo
ergueu-se muito contente
foi aos pés do general
festejou o presidente
como quem dizia: o crime
é punido certamente

Disse o bispo: esse cachorro
é testemunha ocular
ele viu quem fez as mortes
só falta é ele apontar
se ele visse o criminoso
podia lhe denunciar

Disse o velho: esse cachorro
fez uma coisa esquisita
tinha uma cobra enroscada
onde mataram Angelita
ele despedaçou-a a dentes
quase que se precipita

Disse o velho: este cachorro
nos pés das cruzes se lança
solta um uivo muito triste
como quem pede vingança
como quem pede de balde
sem ter daquilo esperança

Nisto chega um cavaleiro
Valdivino de Amorim
andava fora, inda vinha
ver se alcançava o festim
vinha num burro possante
alvo de côr de marfim

(20)

Assim que o cachorro viu
Valdivino se appear
rosnou e partiu a ele
querendo lhe estraçalhar
só não rasgou-lhe a garganta
devido o velho o pegar

Tremia o queixo e babava
fitando ali Valdivino
uivava como quem já
tivesse perdido o tino
só faltava era dizer:
eis aí o assassino

E foi para o pé da cruz
e ali pegou a uivar
fitando os olhos ao céu
como quem quer suplicar
como quem dizia: ó Deus
vens que não posso falar!

O bispo disse: Valdivino
você está descoberto
o senhor foi o autor
das mortes neste deserto
aquele cachorro deu
um depoimento certo

O monstro viu o perigo
fez tudo para negar
o bispo disse: meu filho
não há mentira em olhar
os olhos são verdadeiros
não podem nada ocultar

(21)

Os olhos também se queixam
um olhar diz o que sente
ameaça ou traição
punição severamente
declara mágoa ou a dor
porem o olhar não mente

-O olhar daquele cão
está demonstrando a dor
o sentimento profundo
da morte de seu senhor
ele só falta falar
e apontar o matador

Naquilo duas crianças
que estavam em brincadeira
uma delas se trepou
no galho da gameleira
tirando um ninho de rato
achou nele uma carteira

O leitor deve lembrar-se
dum verso que aqui já leu
veja na vespera do crime
o que Valdivino escreveu
que no tronco da gameleira
a carteira se perdeu

Ali trouxeram a carteira
entregaram ao general
o bispo disse: senhor
o que lhe disse afinal
não lhe disse que os olhos
só dizem o que é legal?

Valdivino descobriu tudo
em sua interrogação
Calar ali demonstrou
ter grande satisfação
pulava um metro de altura
e rolava pelo chão

Corria escaramuçando
como que estava em folia
festejou o general
com desmarcada alegria
como quem dizia: nesse
encontrei o que queria

O povo todo da festa
quis a Valdivino linchar
o bispo e o presidente
trataram de acomodar
garantindo que a justiça
havia de o castigar

Saiu preso Valdivino
Calar o acompanhou
o velho Pedro chamava
mas ele não escutou
voltou quando Valdivino
preso nos ferros deixou

O general ao sair
ordenou ao cozinheiro
que desse ao velho Calar
um bom lombo de carneiro
porque muito merecia
aquele bom companheiro

O criado deu o lombo
Calar nem pra ele olhou
saiu o povo de festa
e o lombo lá ficou
o cachorro veio comer
à noite quando voltou

A mulher de Eliziário
sabendo o que aconteceu
deu-lhe uma ataque tão forte
que no chão se estendeu
passou a noite sem fala
no outro dia morreu

Juvenal, um espanhol
parente de Eliziário
chegando lá disse ao velho:
você é milionário
compre 3 ou 4 médicos
que provem ele está vário.

—Porque ele estando vário
não poderá ser julgado
o processo fica inválido
não pode ser condenado
ai o senhor procura
o melhor advogado

Eliziário pensou
aquilo ser acertado
do contrário, Valdivino
ia ser executado
e tinha toda certeza
ele morrer enforcado

Dirigiu-se à capital
procurou um advogado
esse arrumou cinco médicos
sendo o réu examinado
provaram que há 4 anos
ele era tresloucado

O bispo e o presidente
consultaram ao general
mandaram vir 4 médicos
do reino de Portugal
e fizeram na Bahia
uma junta especial

Vieram de Portugal
4 médicos escolhidos
que por dinheiro sem conta
não serism iludidos
esses homens de caráter
jamais seriam vendidos

E examinaram o réu
e cada um de persi
depois disseram que nunca
houve tal loucura ali
nem sequer nervoso havia
tudoe juraram aí

Fizeram novo processo
depois dele examinado
estando pronto o processo
Valdivino foi julgado
a sentença que pegou
foi para ser enforcado

(25)

Não havia mais recurso
estava tudo consumado
o réu dali a três dias
ia ser executado
não tinha mais o que apelar
já tinha sido julgado

O velho quase sem jeito
sem nada mais conseguir
tentou o último meio
a fim do filho fugir
mas só dos degraus da força
podia se escapulir

Então soube que o carrasco
era um tal de Zefirino
um calibre mais ou menos
igual ao de Valdivino
tinha os 3 dons da desgraça
covarde, vil, assassino

Era um mulato laranja
de aspecto aborrecido
o couro da testa dele
sempre se via franzido
os cabelos bem vermelhos
rosto largo, não comprido

Foi o velho Elizário
a esse tal Zefirino
ver se ele podia dar
evasão a Valdivino
dizendo: ele pula da força
e depois toma destino

—Pegue dez contos de réis
que lhe dou adiantado
e se tiver a fortuna
dele não ser enforcado
dar-lhe-ei mais 20 contos
o dinheiro está guardado

Então disse Zefirino:
isso é difícil arranjar
porém quando ele subir
eu finjo me descuidar
ele que vai prevenido
trate logo de saltar

Disse Zefirino ao velho:
o senhor deve aprontar
um cavalo bem ligeiro
para quando ele saltar
montar-se logo e correr
antes do povo chegar

—Eu hoje direi a ele
tudo que está planejado
que côr será o cavalo
que há de estar selado?

—Diga que é o poldro cobra
em que ele andava montado

Valdivino quando soube
dessa consulta que havia
ficou como uma criança

chorava de alegria
jurando no mesmo instante
que Calar lhe pagaria

E quando chegou o dia
estava o povo aglomerado
Valdivino de Amorim
ia ser executado
tudo ali estava esperando
ele morrer enforcado

Presente ao estado maior
que vinha presenciar
subiu Valdivino à forca
Zefirino foi laçar
porem ele se encolhendo
conseguiu dali saltar

E saiu como uma flecha
entre o povo se meteu
se montando no cavalo
dali desapareceu
internando-se no mato
num instante se escondeu

O povo indignou-se
com a fuga de Valdivino
um deles que ali estava
estrangulou Zefirino
porque esse tinha dado
evasão ao assassino

(28)

Porem chegou o cachorro
quase na ocasião
soltou dois ou três latidos
saiu de venta no chão
63 praças foram
tambem na perseguição

Porem Valdivino ia
em bom cavalo montado
tinha grande desvantagem
por não ter saído armado
e Calar no rasto dele
gania muito vexado

Foi preso Elizário
como autor da evasão
o povo não o matou
porem foi para a prisão
e o bispo que saiu
pedindo a população

Era meia-noite em ponto
Valdivino inda corria
o cavalo já cansado
que nada mais resistia
e o cachorro Calar
de vez enquanto latia

Valdivino conbecendo
que nada a ele valia
e o cachorro Calar

(29)

seu rasto não deixaria
pensou em suicidar-se
só assim descansaria

Dentro do mato apeou-se
e amarrou o cavalo
encostou-se numa pedra
sentiu alguém acordá-lo
nisto o cavalo espantou-se
ele não pode pegá-lo

Seguiu por uma verêda
descalço e todo rompido
ouvindo de vez em quanto
Calar soltar um ganido
foi sair bem no lugar
que o crime tinha havido

Ele viu a gameleira
que sombreava a estrada
Floriano de Oliveira
Angelita e Esmeralda
Sebastião de Oliveira
e dona Maria prostrada

Viu vir uma carruagem
nela vinha uma magistrado
que saudou os 5 vultos
depois de ter se apeado
exclamou: sangue inocente
breve há de ser vingado!

(30)

Tornou a tomar o carro
se montando foi embora
nesse momento Calar
vem com a lingua de fora
festejou todos os vultos
e partiu na mesma hora

Um dos vultos chamou ele
o cachorro estacou
Valdivino não ouviu
o que o fantasma falou
só ouviu foi dizer; volte...
e o cachorro voltou

O criminoso pensou
que ali não escaparia
lembrou-se duma pessoa
que morava na Bahia
pois tinha onde ocultá-lo
que nem o cachorro via

Era um compadre e amigo
a quem ele protegeu
que com dinheiro do pai
esse tal enriqueceu
e ia sempre visitá-lo
quando a justiça o prendeu

Valdivino calculou:
o que eu devo fazer
é ir para o quintal

(31)

por ali me esconder
ou ele ou a mulher dele
um há de me aparecer

E saiu o assassino
chegando lá se escondeu
não houve ali quem o visse
quando o dia amanheceu
o compadre veio fora
e ele lhe apareceu

Valdivino lhe pediu
que não o deixasse morrer
disse-lhe o velho Roberto:
eu tenho onde te esconder
porem ninguem mais daqui
disso não pode saber

Quatro dias decorriam
e o assassino escondido
debaixo dumas madeiras
estava ele metido
o pai dele na cadeia
já ia ser concluido

Num dia de quarta-feira
o velho Calar chegou
a forca inda estava armada
Calar ali a olhou
cravando a vista no céu
um uivo triste soltou

(32)

Veio ali o presidente
que trouxe um pão e lhe deu
Calar olhou para ele
cheirou-lhe os pés e gemeu
botando o pão entre as mãos
deitou-se e ali comeu

Chegou a força do mato
não trazendo o criminoso
o general com aquilo
ficou muito desgostoso
até o governador
ficou doente e nervoso

O povo em redor da força
só fazia lamentar
que o pai do assassino
devera se executar
todos pediam ao governo
que o mandasse enforcar

O cachorro levantou-se
como quem está chamando
foi à casa do Roberto
na porta ficou uivando
olhava para Roberto
partia a ele rosnando

O general com aquilo
ficou bastante nervoso
e disse ao governador:

Cachorro dos Mortos --33 --

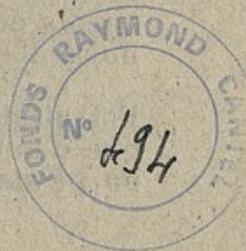
estou muito receoso
que ali naquela casa
está oculto o criminoso.

Então a força cercou
toda casa de Roberto
o cachorro só faltava
era dizer: está perto;
o general disse a ele:
o senhor está descoberto

Roberto ali descobriu
o assassino onde estava
debaixo dumás madeiras
o monstro se conservava
foi levado ao pé da forca
onde o povo lhe esperava

Contou tudo que se deu
antes de ser enforcado
os vultos que viu nas cruzes
a quem tinha assassinado
o segredo do cachorro
e o carro do magistrado

As 5 horas da tarde
a justiça o enforcou
o pai dele estava preso
assim que o sino dobrou
ali soltando um gemido
na mesma hora expirou



Estando morto o assassino
o botaram sobre o chão
o cachorro olhou-o bem
chamando tudo atenção
soltou 2 ou 3 latidos
que espantou a multidão

Quando a policia ordenou
pra ser o corpo inhumado
sobre os pés do general
Calar caiu mui cansado
talvez querendo dizer:
general, muito obrigado!

O general foi ver água
ao cachorro ofereceu
ali o velho Calar
dois goles d'água bebeu
trouxeram-lhe uma fritada
porem ele não comeu

Festejando o general
as pernas dele abraçou
dirigiu-se ao presidente
e a mesma ação obrou
depois desapareceu
novo destino tomou

Foi direitinho ao lugar
que o horrendo crime se deu
no pé da cruz de Angelita

ele cavou e gemeu
o velho Pedro o chamou
mas ele não atendeu

Deitou-se entre as 3 cruzes
sua vida liquidou
nas condições dum guerreiro
que da batalha voltou
trazendo loiros de guerra
à sepultura baixou

O general quando soube
que Calar era sumido
e que faziam 3 dias
que não era aparecido
mandou gente procurá-lo
ficando muito sentido

Sairam 5 ou 6 praças
em procura de Calar
o general tinha dito:
não voltem sem o achar
tragam ele direitinho
não o façam maltratar

As praças foram ao lugar
onde os crimes tinham havido
onde a família Oliveira
tinha toda sucumbido
bem no pé duma das cruzes
tinha o velho cão morrido

Tinha posto termo a vida
o maior dos lutadores
o que em sua existencia
viu o horror dos horrores
que sem falar descobriu
quem matou os seus senhores

O general quando soube
da forma que o tinha achado
mandou fazer uma cova
e nela foi enterrado
um dos amigos mais firmes
que no mundo foi criado

E na morte dos senhores
ele afirmou ter ação
provou que tinha amizade
ao velho Sebastião
a morte só foi vingada
por sua perseguição

Só não fez foi dizer nada
mas provou por sua vez
apontou só com a vista
o monstro que os crimes fez
seus olhos diziam ao público:
este matou todos três

Deitou-se encostado as cruces
que tinham edificado
tinha morrido há três dias

(37)

nem sequer estava inchado
como quem dizia: agora
posso morrer, estou vingado

Mais de duzentas pessoas
assistiram enterrar ele
devido a grande firmeza
que tinha se visto nele
muitas flores naturais
deitaram na cova dele

Agora, vejam leitores
quem era o velho Calar
e como Sebastião
um dia pode o achar
ele tinha cinco dias
o dono ia o matar

Então o velho Oliveira
achou ser ingratição
matar aquele inocente
embora fosse ele um cão
porem disse: a caridade
não se faz só a cristão

E levou-o para casa
disse à mulher que criasse
dizendo: pode ser bom
algum dia inda caçasse
quando nada da fazenda
talvez os bichos espantasse

De fato, Calar criou-se
e era um cão caçador
maracajá e raposa
tinha dele tal pavor
que passavam muito longe
da fazenda do senhor

Era o vigia da noite
um minuto não dormia
numa coisa que guardavam
o velho cão não bolia
só quando os donos lhe davam
era que ele se servia

A família de Oliveira
às vezes a conversar
a velha dizia aos filhos:
este cachorro Calar
tem expressões de pessoa
que conhece o seu lugar

Em casa do dono dele
à noite nada chegava
um bacurau que voasse
ele se erguia e ladrava
do puleiro das galinhas
até coruja espantava

Como era muito bom
o dono sempre caçava
porem a vizinho algum

à noite acompanhava
e só ia para o mato
quando o senhor lhe chamava.

Depois de terem morrido
os senhores de Calar
o pobre cão toda noite
ia pra aquele lugar
olhava para as 3 cruzes
levava a noite a uivar

Latia e fitava o céu
que causava pena e dó
via sangue no capim
ele cobria com pó
não queria ir pra casa
passava o dia ali só

O velho Pedro dos Anjos
vizinho de Sebastião
achou que aquele animal
merecia compaixão
chamou-o para não vê-lo
morrer sem ter remissão

O velho Pedro caçava
toda noite com Calar
mas ele só ia à caça
depois que ia ao lugar
aos pés daquelas cruzes
não deixava de uivar

[40]

Assim morreu o Calar
ficou também descansado
era um cão porém deixou
o nome imortalizado
morreu depois de vingar
quem já o tinha livrado

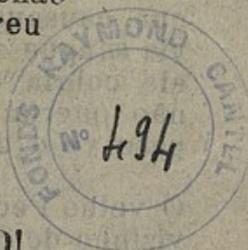
Leitores, não levantei falso
Escrevi o que se deu
Acreditem que este fato
Na Bahia aconteceu
Depois de lutar então
Rolou Calar sobre o chão
Onde seu senhor morreu

— F I M —

Juazeiro, 29/05/76

ATENÇÃO!

Se o amigo desejar manda fazer seu
Horóscopo porque deseja saber para
que parte deve ir, casamento, viagens,
ramos de negócio, profissões, números,
dias, pedras felizes, épocas desfavoráveis
e todos os acontecimentos que lhe
estão sujeitos durante a sua existência.
Basta mandar a data de nascimento
acompanhada de Cr\$ 50.00 a Tip S.
Francisco, rua Sta Luzia 263—Juazei-
ro do Norte-Ce. Atendemos urgente.
dinheiro deve vir num envelope com o valor
declarado.



Literatura de Cordel
José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9

Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Onibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ